

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 18 DE JUNHO DE 2004

CHICO BUARQUE

Longe das homenagens, o autor de 322 canções, dez musicais de teatro, sete livros e alguns gols pelo Polytheama festeja o aniversário

Artur Xexéo

Completar 60 anos, como acontece amanhã com Chico Buarque de Hollanda, não é muito diferente de completar 61 ou 59. O bom é que é uma data redonda e, portanto, propícia a homenagens. Chico não gosta de homenagens. Mas a gente adora homenagear Chico. Todo brasileiro tem alguma história para contar com uma de suas músicas como fundo musical. Tocava uma — “A banda” — por exemplo, quando o presidente Lula conheceu dona Marisa. “Sempre que ouço ‘Pedaço de mim’, minha consciência fica desarmada”, conta o ator Lázaro Ramos. “Ela toca em lugares da minha sensibilidade que eu nem sabia ter.” Todo brasileiro é tocado assim por uma ou outra música de Chico. “Chico é a trilha sonora da minha vida”, constata a atriz Julia Lemmertz. Não só da Julia. Chico que nos perdoe, mas este caderno é uma homenagem àquele que, há 40 anos, compõe a trilha sonora do país. ■

Debate: Onze autores da mesma geração de Chico discutem a sua obra musical • 6

Teatro: A voz do dramaturgo nos musicais escritos para os palcos • 8

Cinema: As trilhas sonoras e as participações esporádicas como ator na telas • 9

Enquete: Cem personalidades elegem a música mais bonita do compositor • 10

Literatura: Uma obra de sucesso que já completa sete livros • 12

Futebol: O estilo elegante do admirador de Pagão e maior craque do Polytheama • 13

Registro: Um apanhado de entrevistas do artista que não dá entrevistas • 15



CHI60 BUARQUE



UM VERSO GENIAL
 “Madalena foi pro mar
 E eu fiquei a ver navios”
 (“Madalena foi pro mar”, de 1965)

Fotos de Leonardo Aversa



CHICO BUARQUE
 posa para o caderno que traz entrevistas com 11 compositores de sua geração, depoimentos de mais de uma centena de admiradores de seu trabalho, uma compilação de suas antigas declarações, mas nenhuma entrevista com ele

QUANDO CHICO NÃO QUER FALAR

O ‘making of’ de um caderno especial que começou com dez páginas e acabou com 18

Artur Xexéo

A notícia foi desanimadora: Chico Buarque não vai dar entrevistas. Não que isso nos surpreendesse. Pelo menos, quatro vezes por ano, uma entrevista com Chico é pauta aqui no Segundo Caderno. E, pelo menos, quatro vezes por ano, a pauta não é cumprida. Chico não dá entrevistas. Mas, quem sabe, desta vez, sendo uma homenagem... Não adianta, Chico é irredutível. Será que valia a pena mesmo fazer um caderno especial?

Paulinho não deu entrevista e Gabi cantou ao telefone

• Bem, a gente poderia ouvir os amigos, os colegas de profissão, escrever sobre a obra teatral, o Chico do futebol, o Chico do cinema, uma enquete para escolher a sua melhor música... Fomos em frente,

dava para fazer um caderno de dez páginas.

O colunista Joaquim Ferreira dos Santos tentou fazer uma foto de Sílvia Buarque para a Gente Boa. Ela foi supergentil, mas quem sabe noutra ocasião? O repórter Arnaldo Bloch tentou ouvir Paulinho da Viola. Quem sabe noutra ocasião? A sucursal de Brasília tentou o voto do presidente Lula para a enquete. Ele estava na China!

Tecnicamente, este caderno começou a ser feito há dois meses, quando o repórter Mauro Ventura foi a São Paulo cobrir a estréia de “Benjamim”. Chico estaria presente. Dava para começar a colher material. Em Brasília, a repórter Isabel Braga era bem-sucedida na colheita de votos no Congresso para a eleição da melhor música:

— Os políticos, sempre tão sisudos e ocupados, transformaram-se quando fiz a pergunta — relata ela. — Em vez de reagir de forma irônica ou irritada, como fazem quando ouvem perguntas sobre política, desarmaram-se: não resistiram e cantaram um ou mais versinhos da música e ensaiaram uma certa nostalgia. João Paulo, presidente da Câmara, cantou duas estrofes de “Minha história”. Até mesmo o formal Marco Maciel cantou um pedaço de “Parato-

dos”, não escondendo o orgulho ao comentar que o avô de Chico era pernambucano, como ele.

Estava dando certo. Pensando bem, talvez o material segurasse um caderno de 12 páginas.

Toca o telefone. É Marília Gabriela cantando um trecho de “Todo o sentimento”. Mais um voto. Roberto Carlos promete mandar um texto. Chico topou posar para fotos. Quem sabe 14 páginas?

Mauro segue Chico numa caminhada e o acompanha da ponta do Leblon até a Rua Joana Angélica, em Ipanema. Ida e volta. Pela areia. Chico só de calção. Mauro de calça comprida, camisa social, sapatos e mochila. Está com dor no joelho até hoje.

— Você deu sorte — tripudia o compositor. — Geralmente eu vou até o Arpoador e volto.

Pelo joelho de Mauro Ventura, topamos fazer 16 páginas.

Arnaldo consegue reunir depoimentos de um festival da canção completo (Milton, Gil, Caetano...). O repórter Hugo Sukman localiza Cacá Diegues no Recife. E a sucursal de Brasília, enfim, consegue o voto de Lula.

Não há dúvida, o caderno merece 18 páginas. Imaginem se o Chico tivesse dado entrevista! ■

TOM CRUISE O ÚLTIMO SAMURAI

4 INDICAÇÕES AO OSCAR® 2003

- Melhor Ator Coadjuvante (Ken Watanabe)
- Melhor Direção de Arte
- Melhor Figurino
- Melhor Som

LANÇAMENTO NACIONAL 23 DE JUNHO
 COMPRE OU ALUGUE EM DVD

‘Meus 12 minutos de fama’

Leonardo Aversa

• Meus encontros com Chico são sempre um exercício de sadismo. Ele detesta ser fotografado. O que me faz sentir como macaco em loja de louça. Prometo que, desta vez, vou ser mais rápido (quatro anos atrás, demorei 15 minutos). Quem sabe agora, com tecnologia digital... Marcamos na Praia do Leblon, em frente ao Marina. Quando chego, ele está parado, distribuindo autógrafos. Anda todo dia por lá e sabe que o segredo é não parar. O carioca é blasé, mas resistir ao Chico parado, de bobeira, já é demais. Todos querem tirar foto do lado, pedir autógrafa, homens, mulheres, crianças, cachorros e papagaio. Todo mundo ali com cara de bobo, olhando para ele. Inclusive eu. Se é verdade que Deus não dá asa a cobra, ele deveria ser chato e grosso. E arrogante. Mas não. Fica pacientemente ali, atendendo um por um. Para tentar me enturmar, pergunto como é a sensação de completar 60 anos. “É uma desgraça”, responde sorrindo. Fico pensando na passagem do

tempo, na inexorabilidade do fim etc. Só depois me dou conta que a desgraça a que ele se refere é o assédio por conta da efeméride. Minhas fotos, por exemplo.

Tenho menos de dez minutos antes de ele começar a pensar em suicídio. Peço pro Chico andar pela beira do mar. Ele está ótimo, mais magro do que há quatro anos. O vento forte cola a roupa no corpo. O assessor de imprensa pergunta se isso não vai sugerir um princípio de barriga. A maioria das pessoas ao ouvir um comentário desses se ajoelharia clamando a Deus para parar com o vento, ou a mim por um retoque no computador. O Chico, não, o Chico acha graça. E continua andando, rápido. Não sei se ele está posando ou fugindo. Na dúvida, peço pra ele voltar. Ele atende e já volta perguntando se acabei. Tinha guardado os últimos dois minutos para um comentário inteligente, mas achei melhor aproveitar o tempo para mais fotos. Quem sabe daqui a quatro anos eu invento algo. Termina a sessão e ele vai embora, aliviado. Foram 12 minutos. ■

CHICO

BUARQUE

Mauro Ventura

Era uma oportunidade rara aquela, e as mulheres trataram de aproveitá-la. Chico Buarque dançava, desajeitado, na pista e um cortejo feminino se revezava à sua volta — a maioria para tirar onda mais tarde com as amigas e dizer que dançou com o ídolo.

Umás, mais recatadas, contentavam-se em ficar por perto. Outras, mais afoitas, arriscavam afagos na nuca, faziam propostas sem rodeios, diante de um Chico mais sem jeito do que propriamente envaidecido. Uma jovem, recém-chegada à casa dos 20, quem sabe movida pelo álcool, talvez estimulada pela chance única, sussurrou:

— Você é Deus — disse a moça, emendando em seguida um convite, nem aí para a mistura de sagrado e profano.

O compositor alternava-se entre a pista de dança e o sofá, onde, copo d'água na mão, era cercado por garotas que até de joelhos se posicionavam, em busca de um melhor ângulo. Apesar do cerco feminino, Chico seguiu às 4h para o hotel na capital paulista, acompanhado de seu assessor de imprensa, Mário Canivello, não sem antes parar num posto de conveniência para comprar cigarros e dar um autógrafa escondido para o vendedor — "É proibido", desculpou-se o rapaz.

Amanhã, Chico completa 60 anos, ainda cortejado pelas mulheres, como se vê. Avisou aos amigos que estaria em Paris, onde tem apartamento, mas pode muito bem ter inventado a história só para evitar os parabéns.

Antes da festa em São Paulo — feita em homenagem à cineasta Monique Gardenberg, diretora do filme "Benjamim" — Chico já havia experimentado a euforia do público paulistano, na pré-estréia do longa-metragem inspirado em seu livro.

— Suas músicas me deixam fora de si — gritou uma senhora na chegada ao cinema, errando na concordância, mas acertando no sentimento.

Como ela, não foram poucas as mulheres — e os homens — que buscaram abrigo nas canções de Chico. Suas músicas serviram para consolar, seduzir, desabafar, refletir, fazer sonhar ou, simplesmente, divertir. Elas deram esperança, aplacaram tristezas e se instalaram em definitivo na intimidade das pessoas, desde que ele surgiu no cenário artístico brasileiro, há 40 anos.

No calçadão, quando se dão conta, ele já passou

• Se as aparições noturnas se tornaram raras com o passar dos anos, as incursões diurnas não perderam o fôlego. Semana passada, ele podia ser visto, como de hábito, caminhando pelas praias do Leblon e de Ipanema. Quando está acompanhado do amigo Miguel Faria Jr., o que é mais comum, vai pelo calçadão. Naquela quarta-feira de sol ameno, temperatura a 24 graus, sozinho, vestindo apenas short azul claro, preferiu ir pela areia, perto da beira d'água. Chegou às 12h30m — afinal, Chico dorme de madrugada e costuma acordar por volta das 11h. Os passos largos e o andar ligeiro inibem as abordagens mais demoradas.

— Obrigado pelo seu talento, felicidades — saúda um senhor, recebendo de volta um polegar levantado.

— Seu Chico — reverencia um garoto, ganhando em troca um sorriso.

Duas turistas de Curitiba ficaram em dúvida se era ele mesmo.

— É o Chico? Não pode ser!

— Eu acho que é, mas está muito bronzeado.

— Mas o nariz e os olhos são os mesmos.

Quando chegaram a uma conclusão, ele já estava longe. Miguel diz que é uma cena corriqueira: quando cai a ficha, a pessoa se vira, admira-se, mas aí já não há tempo de falar nada, só de ver as costas de Chico se afastando.

Ao fim da caminhada — que incluiu duas

corridas curtas, alguns cumprimentos e uma parada num posto de salvamento para guardar o chinelo e a camiseta com o vigia — o compositor comentou que, em geral, o carioca não dá maiores bandeiras.

— Quando tem gente de fora, é que às vezes pede para tirar foto junto ou quer um autógrafa — disse ele, um tanto quanto constrangido de não poder oferecer uma água-de-coco ao repórter: — Trago o dinheiro contado.

Chico estava com pressa para almoçar com a filha Silvia e o bate-papo não se alongou.

Era esperado. Algumas semanas antes, naquela noite em São Paulo, já prevendo o assédio por conta de seus 60 anos, ele explicava a decisão de não dar entrevistas sobre o aniversário.

Em primeiro lugar — desculpava-se — se falasse com um jornalista, teria que falar com todos. Além disso, julgava cabotino participar de homenagens a si mesmo — algo que sua autocrítica impiedosa não lhe permite. E, por fim, não estava achando a menor graça em fazer 60 anos.

Não que tenha motivos para queixas. A saúde, como atestam os check-ups periódicos, vai bem. A forma física — 1,79m e 70 quilos, mantidos às custas de futebol às segundas, quintas-feiras e sábados, e caminhadas às terças, quartas, sextas-feiras e domingos — também não dá sinais de maiores abalos.

A verdade é que o compositor leva uma vida mais regrada. Deixou de varar as madrugadas em bares e parou de beber pesado graças a um bruxo que lhe foi apresentando pelo amigo Tom Jobim e que lhe receitou um preparado de ervas nos anos 80. Hoje, contenta-se com vinho no jantar e uma ou outra grappa.

Os 50 cigarros diários — sempre da marca Charm — reduziram-se drasticamente. Há alguns anos, Chico fez duas promessas de Ano Novo: não parar com o vício e só fumar oito cigarros por dia. Tem cumprido o trato. Ao longo dos anos, ele já vinha tentando diminuir a fumaça. Chegou a estabelecer uma cota: um cigarro por hora. Depois, decidiu que seriam três maços a cada dois dias. Até que fixou o número oito. E por

que oito? Há quem diga que ele considera como se fossem três, porque teria ouvido falar que cinco não fazem mal à saúde. Outros dizem que são oito porque é o número de horas úteis, dentro de uma matemática toda peculiar, que passa a contar a partir do almoço.

Como muito do que envolve Chico, lenda e realidade se confundem de tal maneira que fica difícil separá-las. Muito por culpa do próprio compositor, que tem um temperamento gaiato e uma habilidade incomum para criar histórias, contar piadas, pregar trotes, inventar trocadilhos, dar apelidos e imaginar personagens.

Certa vez, inais de 15 anos atrás, num voo para Cuba, disse à filha Silvia que esteve no país de Fidel Castro com Harry Belafonte.

— Pensei: "Ele inventou esse nome" — lembra Silvia. — E quanto mais ele falava, mais eu achava que ele estava inventando.

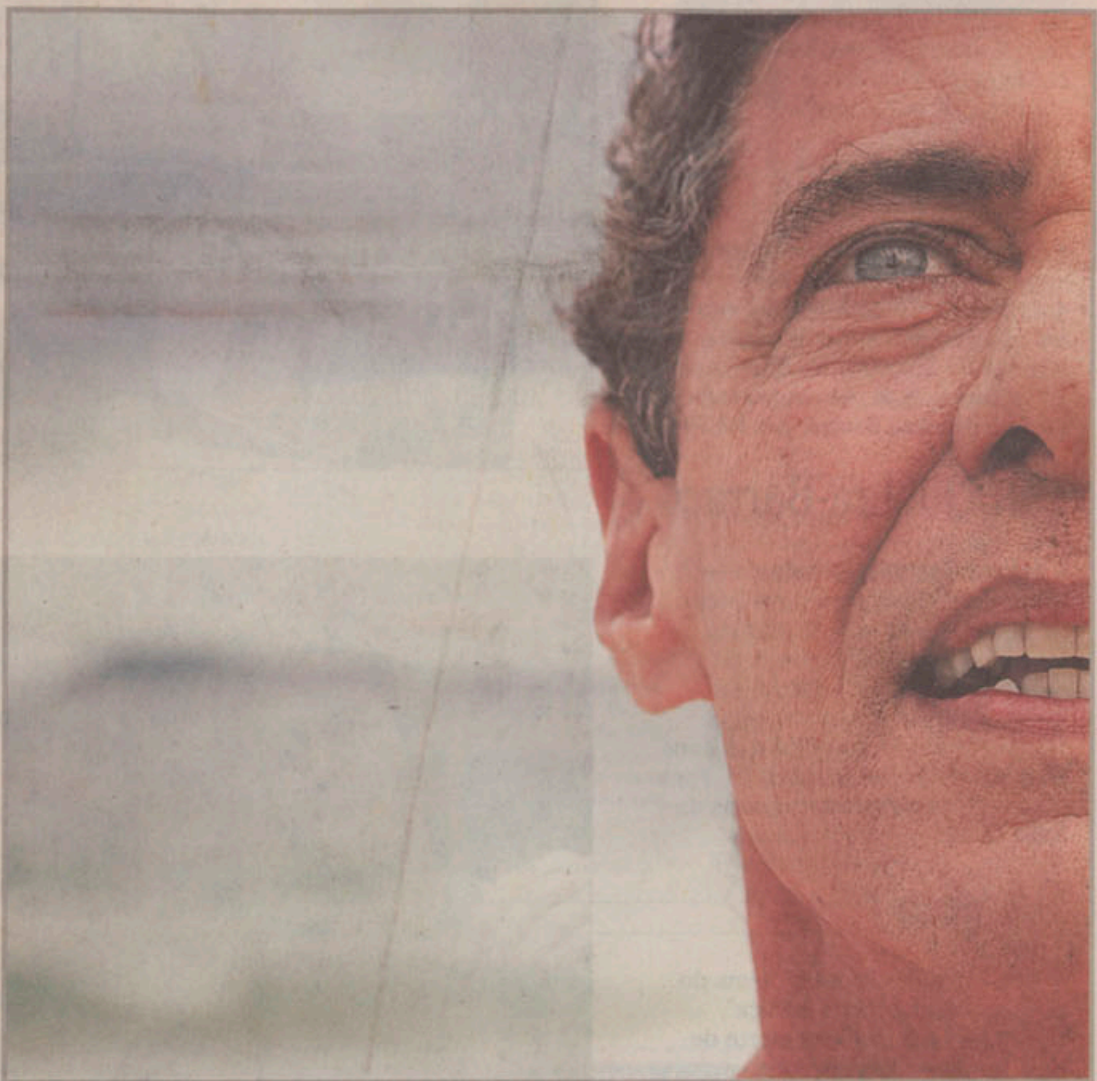
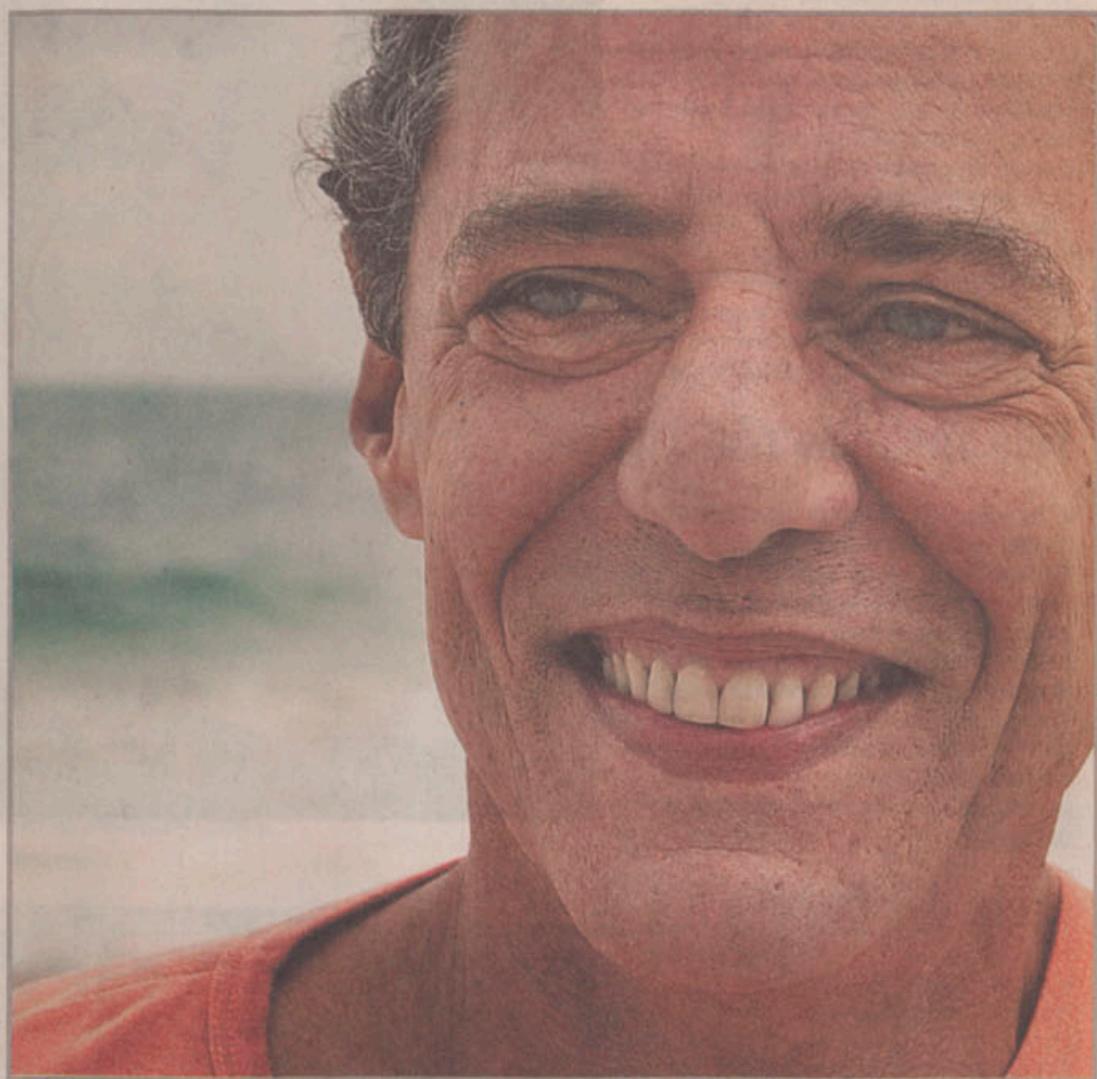
A irmã Helena e a amiga Janaína Diniz também não acreditaram. O cantor americano virou um código particular: toda vez que achavam que Chico estava contando lorota, diziam:

— Lá vem o Belafonte.

São muitas as passagens curiosas. Como no dia em que, no Uruguai, o motorista de táxi disse que o estava reconhecendo e ele inventou que era filho do goleiro Manga. De outra feita, num bar em Colatina, no Espírito Santo, ouviu de um sujeito:

— Ué, eu conheço o senhor. É da TV, né?

Chico explicou que era o novo técnico do Colatina, que lutava para sair da terceira divisão, e os dois começaram a conversar sobre o time. Juntos gente ao redor "da mais recente contratação da equipe". O "treinador" inventou até que estava atrás de uma cobertura na cidade. Dias depois, saiu numa coluna social que Chico Buarque tinha ficado maravilhado com Colatina e estava procurando uma cobertura para alugar. No interior paulista, fingiu-se de sul-africano ao se registrar num hotel. Diante da incredulidade da recepcionista, criou na mesma hora um idioma para convencê-la de que falava a verdade.



ELE NÃO ESTÁ À TOA NA VIDA

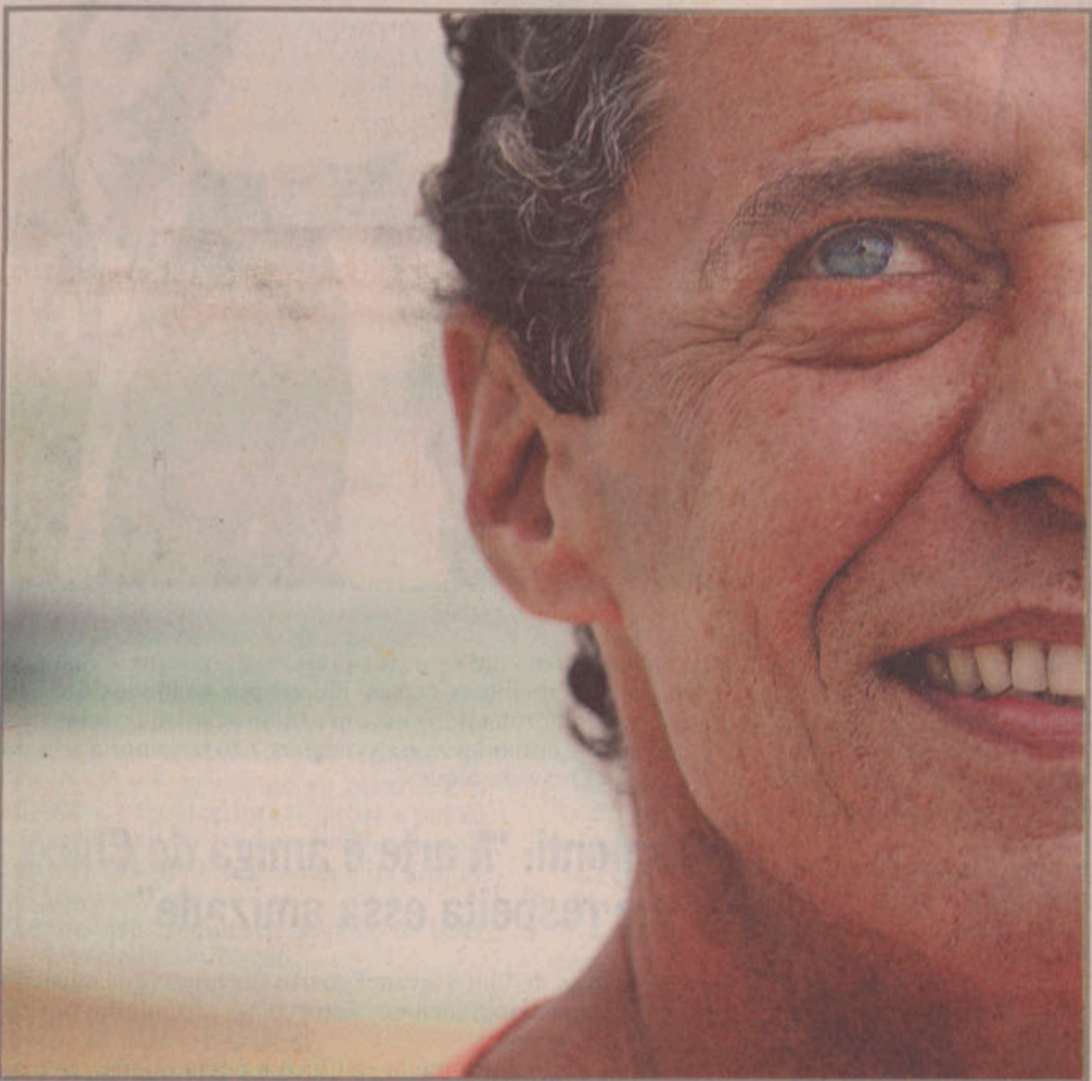
Chico Buarque não acha a menor graça em completar 60 anos, acompanha a tradução de seus livros e diz que ainda não foi 'chamado' de novo pelo violão

UM VERSO GENIAL

“Na galeria, cada clarão é como um dia
depois de outro dia abrindo um salão.
Passas em exposição, passas sem ver teu vigia catando a
poesia que entornas no chão”

(“As vitrines”, de 1981)

Fotos de Leonardo Aversa



O escritor Eric Nepomuceno lembra-se do dia em que chegou com Chico no restaurante e reparou que o maître estava com cara de poucos amigos.

— Ele estava me tratando mal e eu não entendia por quê.

Depois descobriu a razão. Chico tinha inventado que Nepomuceno era o crítico gastronômico que, na véspera, demolira o serviço da casa no jornal.

Amigo fingia ataque epilético para fugirem

• Uma vez, vestiu-se como motoboy — com direito a capacete com visor — e foi entregar flores a uma amiga que aniversariava. Ganhou até gorjeta, e saiu feliz da vida por ter conseguido circular pela cidade anônimo. Nos anos 60, tinha um acordo com o amigo Carlos Jaguaribe Ekman, o Barão. Toda vez que a tietagem à sua volta tornava-se exagerada, o amigo fingia um ataque epilético e ele escapulia dizendo que tinha que levar Barão ao hospital.

Tem mania de inventar cidades e ler mapas — não por acaso escreveu “Budapeste” sem nunca ter ido à capital húngara.

— Ele tem uma bússola na cabeça. Daria um ótimo agente ou guia turístico — brinca a irmã Miúcha.

Em 1969, imaginou um país, chamado Tita, onde, como conta o jornalista Humberto Werneck no texto “Gol de letras”, “as pessoas se expressavam numa língua monocórdia em que as sílabas tinham o mesmo peso” — Teresa virava Térésá.

Quando criou o pseudônimo Julinho da Adelaide para driblar os censores, tratou de preparar uma elaborada história em volta do personagem. Chegou a dar entrevista para o jornal “Última Hora” contando que não queria ser fotografado por causa das cicatrizes obtidas quando foi atingido no rosto pelo violão de Sérgio Ricardo e reclamando que “o Chico Buarque está faturando em cima do meu nome”. Passou a colaborar com palavras cruzadas para jornal assinando como a mãe do compositor, Adelaide Kuntz, moradora da favela da Rocinha que adotou o hobby depois de ficar paraplégica.

As escaramuças com a ditadura militar eram constantes e Chico tornou-se o alvo principal da Censura. De cada três canções que enviava às autoridades, duas eram interditas e a terceira, mutilada. Algumas eram criadas propositalmente para serem vetadas — uma espécie de boi de piranha. Mesmo com toda marcação, volta e meia suas letras de duplo sentido conseguiam enganar os censores.

O espírito arto e moleque vem de longa data. Em 1961, menor de idade, saiu com um amigo para “puxar” um carro e dar umas voltas pela madrugada de São Paulo, hábito nada incomum entre a garotada bem-nascida de então. Acabou preso, algemado, espancado e notícia de jornal. A “Última Hora” publicou reportagem com o título “Pivetes furtoaram um carro: presos”, ilustrada com uma foto dos dois com tarja preta cobrindo os olhos. O castigo dos pais — Maria Amélia e o historiador Sérgio Buarque de Holanda — foi duro: ficou proibido de sair sozinho à noite até fazer 18 anos, seis meses depois.

Chico Buarque leva uma vida simples — para os padrões de um astro de primeira linha do

país. Não gosta de comprar roupas, tem pavor de segurança — “chama mais a atenção”, argumenta — não tem motorista e não liga para carros. Seu Honda Civic, de dois anos atrás, só vai ser trocado quando começar a quebrar na ida para o campo de futebol, no Recreio, ou quando a secretária, Márcia, começar a insistir:

— Chico, está na hora da troca.

Mesmo assim, ele vai tentar regatear:

— Ainda está bom.

Seus programas prediletos são ver os três netos — a mais nova, Lia, chama-o de *voíco* — encontrar as três filhas, caminhar e jantar com os amigos Ruy Solberg, Edu Lobo e Miguel Faria Jr., em geral no Gero. E, claro, jogar futebol — ele é dono de um time, o Polytheama. Outro dia, ao apresentar um amigo à mãe, a maneira que encontrou para demonstrar o afeto foi:

— Mãe, esse é um amigo meu, ele joga no Polytheama.

Quem se aproxima de Chico fica em geral intimidado, preocupado que está em caprichar no discurso e elaborar frases brilhantes. Esqueça.

— Às vezes, as pessoas acham que estamos conversando sobre grandes projetos. Mal sabem da bobagem elevada a dez que rola — conta Edu Lobo.

— Começa sempre sério. A primeira parte é como se fosse um jantar de negócios. Mas depois da segunda garrafa de vinho começamos a falar besteira — completa Miguel.

Cinema não é um tema muito freqüente, apesar da presença de dois cineastas na mesa, Miguel e Solberg.

— Eu pergunto qual foi o último filme que ele viu e ele responde sempre: “Corra, Lola, corra” — brinca Solberg. — Ele disse que ia comprar um DVD e falou: “Você vai ver só, vou poder conversar.”

O tom é tão informal e descontraído que um dia, restaurante cheio, os quatro foram se sentar na cozinha e por lá mesmo ficaram.

Quem conversa com Chico aprende com o tempo a conhecer o que o cineasta Ruy Guerra chamou de silêncios eloqüentes e o músico Edu Lobo classificou de estado catatônico — momentos em que o compositor, olhar vago e distante, desliga-se do mundo, deixando o interlocutor inseguro, sem saber se está agradando, quando na verdade ele está com a cabeça ocupada na criação. O tempo buarquiano é outro, como conta a ex-mulher, Marieta Severo, no livro sobre Chico escrito por Regina Zappa: “Não fale com ele na primeira hora, hora e meia, depois que acorda. Não é

que acorde de mau humor, mas demora a incorporar, fica um tempo fora deste mundo. Tem um corpo que acorda, que abre o olho, que se movimenta, faz as coisas, mas o resto está em outra galáxia. Cuuuuust! Nesse vagaroso tempo de despertar não se pode perguntar coisas e querer uma resposta coerente.” Os dois se separaram em 1997, após 30 anos de casamento, mas conservaram a amizade e costumam almoçar aos domingos na casa da atriz.

Os amigos dizem que a timidez de Chico é para consumo externo — entre parentes e amigos sobressai a figura brincalhona. Mas, se a fama de tímido não resiste a um exame mais profundo, a aversão aos holofotes é verdadeira. Chico se esmera em preservar seu espaço, a ponto de ter escolhido sua cobertura no Alto Leblon, colada ao Morro Dois Irmãos, somente após conferir que não seria alvo de nenhuma foto de paparazzi. Os amigos também ficam cheios de dedos na hora de dar depoimento sobre o compositor, com medo de invadir a privacidade que Chico tanto preza.

O recato talvez seja herança materna. — Mamãe sempre foi muito drástica nessa questão de não se exibir e de não se expor ao ridículo — diz Miúcha, para quem Chico era o mais extrovertido dos sete irmãos.

Um dia, no Satyricon, jantava com Nepomuceno e um pintor amigo quando, animado, quis mostrar em primeira mão para os dois uma nova música. Cantou baixinho, certo de que ninguém mais prestava atenção. Quanto terminou, o restaurante inteiro aplaudiu e ele ficou constrangidíssimo, com medo de que pensassem que estava se exibindo.

A discrição fez com que recusasse uma foto de capa do disco “As cidades”, que realçava seus olhos e valorizava sua estampa.

— Estou muito bonito na foto — justificou, receoso de que parecesse estar vendendo uma imagem de galã.

Ver sua vida privada esquadriada pela imprensa é das coisas que mais o chateiam — como quando se separou e passou a ser seguido

por um fotógrafo e uma repórter de uma revista. Saiu do sério quando um deputado curitibano, a fim de se promover, resolveu dar a ele o título de cidadão honorário. Sem consultá-lo, o político marcou a cerimônia na Assembleia Legislativa, distribuiu 500 convites e, quando o compositor soube, disse não, avesso que é a formalidades. Toparia receber no campo de futebol. O deputado deu uma entrevista chamando-o de mal-educado e ele reagiu:

— Eu posso ser qualquer coisa, menos mal educado. Vou ligar para ele.

Acabou deixando para lá.

Show, um sacrifício combatido com Lexotan

• Chico não quer ficar sozinho — daí recusar a imagem de Greta Garbo tropical. Ele gosta de se misturar à vida da cidade, ir à farmácia, freqüentar a padaria, caminhar no calçadão. Não que não adote estratégias — no domingo, prefere caminhar pelo parque perto de sua casa a enfrentar a praia cheia.

Mas, ao contrário do amigo Gilberto Gil, que adora uma platéia — “subo nesse palco, minha alma cheia a talco, feito bumbum de bebê” — Chico evita o quanto pode os shows. Na TV Record, onde fazia junto com Nara Leão o musical “Pra ver a banda passar”, ficava tão inibido que o produtor Manoel Carlos disse que eles formavam a maior dupla de “desanimadores” de auditório da televisão brasileira.

O pânico de antigamente, enfrentado à época com uísque sem gelo, foi acalmado, mas ele ainda prefere estar em outro lugar a encarar a multidão. É um sacrifício combatido com comprimidos, cada vez mais raros, de Lexotan. Na época do show “As cidades”, recusou o convite de se apresentar na praia. Ele só não pára porque, como diz Regina Zappa, o cantor é o provedor, aquele que sustenta com os shows o escritor e o compositor.

O próprio Chico brinca com o status diferente do músico e do escritor. Ele comprou o apartamento debaixo da cobertura e lá instalou o escritório, onde se enfurna para escrever — o espaço onde compõe fica na parte nobre, em cima.

— O escritor vive modestamente e viaja de classe econômica — diz ele, que só há pouco sucumbiu à internet.

Chico levou dois anos para escrever “Budapeste”. Em geral, após um livro vem um disco. Por enquanto, ainda está envolvido com a literatura, acompanhando de perto

as traduções de sua obra para o italiano, o inglês, o espanhol e o francês.

Gal Costa, que estréia show novo dia 24, pediu a ele uma música e Chico entregou-lhe uma melodia inédita, feita há dois anos para a versão em italiano de “Dona Flor e seus dois maridos”. A letra será de José Miguel Wisnick.

— O violão ainda não me chamou — tem dito.

Na música, como na literatura, Chico atormenta-se pela busca da palavra mais certa. O LP “Chico Buarque”, de 1989, já estava indo para a fábrica, onde ia ser prensado, quando ele cismou de trocar “podar” por “anular” na letra da música “O futebol”. Resultado: correu para o estúdio, emendou às pressas a fita (eram tempos pré-digitais) e finalmente pôde relaxar — por pouco tempo, porque logo a angústia da criação voltaria a atormentá-lo. Maria Bethânia também teve provas do perfeccionismo. Chico deu a ela a música “A moça do sonho”. Quando ouviu a fita, a cantora ficou eufórica e decidiu incluí-la no disco “Maricotinha”. Bethânia foi para Londres, gravou as músicas e, disco pronto, voltou ao Brasil. Apenas para ouvir do amigo:

— Fiz umas modificações na letra.

Ela teve que entrar em estúdio de novo e refazer o trabalho — só pôde usar uma parte do arranjo de cordas gravado em Londres.

— Chico me deixou desesperada — comentou com um amigo.

O compositor tem um medo, como revelou o deputado Chico Alencar no livro “Chico Buarque do Brasil”, de Rinaldo de Fernandes: ser olhado pelos netos, daqui a 20 ou 30 anos, como nós olhamos hoje um Olavo Bilac — com respeito, desinteresse e estranhamento.

Miúcha aposta que não.

— Você vê todas as gerações saboreando suas letras. A fórmula dele é impermeável ao tempo. ■

► NO GLOBO ONLINE:

Fotos da vida e da carreira de Chico
www.oglobo.com.br/cultura

Companheiros de geração, Caetano, Gil, Edu, Milton, Francis, Rita, Roberto, Dori, Egberto, Sueli Costa e Marcos Valle analisam a arte buarquiana

CHICO

BUARQUE

Divulgação/João Miguel Junior



Leonardo Aversa



Divulgação



Reprodução



ENIGMA DE HOLLANDA

Araldo Bloch

Existem maneiras simples e complicadas de se ouvir Chico Buarque. Falar sobre Chico, e sobre essas várias maneiras de ouvi-lo, é que são elas. Ainda mais para a turma que, também na marca dos 60, integra a geração do aniversariante e cruza a sua trajetória, lado a lado e/ou em campos diferentes. Para fugir a essa dificuldade, um artista como Roberto Carlos, que é mais de cantar que de falar, prefere ser lacônico, resumindo numa frase o máximo de síntese possível, e, no entanto, acertando o alvo:

— É um compositor fantástico, que escreve canções lindas, simples ou sofisticadas, sempre com altíssima categoria. Toda a sua obra é maravilhosa.

Edu Lobo, ao contrário, escolhe o aprofundamento. Para sondar os mistérios que norteiam a arte de seu parceiro em mais de 40 canções, busca inspiração em T.S. Eliot. O poema é "Naming cats" ("Dar nomes aos gatos"). Nele, o escritor americano diz que todo gato tem um nome secreto, que só o bicho conhece, e que nenhum dono é capaz de adivinhar. Esse seria seu único, inescrutável e verdadeiro nome, muito além da compreensão humana.

— Da mesma forma — compara Lobo, complementando a idéia — toda música, antes de ser letrada, já vem com uma letra secreta. E são raros, no mundo, os letristas que sabem descobri-la, ou decodificá-la. O Chico é um desses. Cole Porter é outro.

Para exemplificar o que diz, ele cita "Beatriz", um dos standards da dupla: — Nessa composição, a nota mais grave corresponde à palavra "chão", e a mais aguda, à palavra "céu". Para chegar a esse tipo de solução, Chico se tortura muito, é minucioso ao extremo, a ponto de chatear-se se a gente altera uma nota depois para ajustar um arranjo, porque aquela nota não corresponde mais à palavra ou à sílaba que ele havia concebido. A letra de Chico comunica-se com as notas para além da simples divisão rítmica e melódica, e mesmo para além da metalinguagem — conclui Lobo.

Sueli Costa: "Meu amor maior por ele vai no caminho da música"

• A análise de Edu Lobo obriga a trazer para a discussão um *imbroglio* clássico, que vem animando discussões acadêmicas (e outras nem tanto) sobre a obra de Chico: é ou não é a arte de um poeta? Lobo estuda a equação:

— Concordo que poesia e letra de música são artes dife-

rentes. Vinicius conseguiu ser grande poeta e grande letrista. Um grande poeta, por outro lado, quase nunca é um grande letrista, assim como uma boa poesia raramente dá uma boa letra. A estrutura musical tem sutilezas, ritmos e climas que a poesia não comporta, não sabe dizer. Apesar disso, Chico Buarque é um poeta. Obviamente ele é um poeta. É impossível dizer que não, diante do que produz.

Saber o nome do gato é apenas uma das faces de Chico Buarque. Há mesmo quem ache que o forte de Chico é a música. Saudosa dos tempos do Luna Bar, em que disputava os "olhos esmeralda" (que ela prefere aos ardósia) de Chico com o mulhério, a compositora Sueli Costa inverte os sinais:

— Como todas, fui apaixonada por Chico. Mas meu amor maior por ele vai no caminho da música. O Chico letrista, infelizmente, encobre o Chico músico, ao passo que, na realidade, os dois se equivalem, no mínimo, em termos de valor. Quando escreve letra para música dos outros, ele psicografa o que a música dos parceiros quer falar. Mas, quando compõe

sozinho, a música e as palavras vêm juntas, e aí a coisa fica muito séria. Um sujeito que compôs sozinho "Olê olá" aos 16 anos tem um raro dom.

Milton Nascimento, consagrado como a grande voz masculina do Brasil, adiciona a essas capacidades de Chico o talento para ser dono da própria voz, e construir, com ela, um cantar original e destacado:

— A voz do Chico tem um troço de contar uma história. É uma voz recitativa. Eu tinha muito essa sensação quando gravamos juntos "O

que será". Na hora em que entrava a voz dele, parecia a de um orador, um contador de histórias, que transformava a canção, levava-a a uma outra dimensão. Sem falar na beleza da música, quando ele é parceiro de si próprio. Os arranjos, muitas vezes, estragam o que o Chico compõe e canta. O que ele faz é mais bonito. O ideal seria não mexer no Chico, nunca.

Parceiro de clássicos como "Pivete" e "Meu caro amigo", Francis Hime eleva em alguns tons a discussão e chega a ver em Chico um potencial compositor de concertos e sinfonias.

— Eu ficava aqui tocando horas seguidas e ele sentadinho lá, na máquina de escrever. Depois saía mostrando as letras, demorava para estar certo de que a coisa estava boa. Mas falar de letra é covardia. Acho é que o Chico, se quisesse, e acredito que já teve este desejo, seria um grande sinfonista, um grande compositor do ponto de vista formal, ou um grande arranjador. Bastava seguir os passos. Mas são tamanhas a originalidade e a versatilidade do que faz, que ele percebeu que a fonte da sua criação musical é mesmo misteriosa, está num

terreno à parte, que deve ser preservado porque é dali que vêm as suas melhores coisas. Ele vai por caminhos que um sujeito já comprometido com um estudo acadêmico nunca seguiria. Se ele aprendesse essas noções, não teríamos a arte do Chico, que fez dele o que é.

Gismonti: "A arte é amiga de Chico, e ele respeita essa amizade"

• Os enigmas de Chico levam Egberto Gismonti (que musicou a versão cinematográfica de "Estorvo") a atribuir-lhe um caráter quase divino:

— Não me importa muito se Chico é poeta ou não, se é letrista ou músico. O fato é que Nelson Cavaquinho, Tom Jobim e Chico Buarque são os três compositores que, pelo conjunto da obra, norteiam-me há muitos e muitos anos. O que admiro é o fato de que a arte é amiga de Chico, e não o contrário. E Chico respeita essa amizade com seu caminho de devoção, sacerdócio, contemplação e paciência. Chico é o maior ícone do artista brasileiro contemporâneo. A História reconhecerá isso.

A profecia de Gismonti encontra eco em ensaios inflamados de Caetano Veloso, que vê incompreensão por parte de uma certa *intelligentia* em relação à obra de Chico.

— Antes de morrer eu quero que sumam os caras que pensam que são fódões só porque escrevem que não querem ver estudos acadêmicos dedicados a prosa ou verso de Chico Buarque (ou meu!). Quem precisa de trabalhos acadêmicos? A obra de Chico seguramente os terá, alentados e entusiastas, quando tivermos uma Academia. A exuberância discreta de seu trato com as palavras terá de ser reverenciada quando os ciumentos que atrapalham já estiverem mortos.

Caetano faz uso de veia crítica para apontar suas preferências musicais e poéticas na obra do colega:

— Muitas vezes sinto que a minha canção favorita entre tantas peças perfeitas por Chico Buarque de Hollanda é "Sonho de um carnaval". É um "poemalodia" mais *du coté de chez* Batista do que *du coté de chez* Rosa, para tomarmos o modelo da clássica polêmica, embora esse seja um modelo muito simplificador, dada a riqueza da obra buarquiana. Também "Flor da Idade" me impressiona de maneira especial (mas aqui é particularmente a letra): aquela "mesa posta de peixe deixa um cheirinho da sua filha" é talvez seu verso meu preferido. E a série perfeita dos refrãos em que apenas uma letra (sempre a mesma: um erre) entra no primeiro substantivo e o transforma em outro, pertinente, antes da repetição de "o primeiro amor". Assim: "Ah, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor..." / "Ah, o primeiro copo, o primeiro corpo,

"Assim como T.S. Eliot diz que todo gato tem um nome secreto. Cada música tem uma letra secreta. Chico é dos raros que sabem o nome do gato."

EDU LOBO

"A exuberância discreta de seu trato com as palavras terá de ser reverenciada quando os ciumentos que atrapalham já estiverem mortos."

CAETANO VELOSO



UM VERSO GENIAL
 “Ainda te quero
 Boleros
 nosso versos são banais”
 (“Anos dourados”, parceria
 com Tom Jobim, de 1986)

Da esquerda para a
 direita, na página
 anterior: Roberto Carlos,
 Sueli Costa, Chico &
 Marcos Valle, Gilberto Gil
 & Chico; ao lado: Francis
 Hime & Chico, Chico &
 Caetano Veloso; no
 centro, abaixo: Edu Lobo
 & Chico, Milton
 Nascimento & Chico; na
 parte de baixo, da
 esquerda para a direita:
 Dori Caymmi, Egberto
 Gismonti; no extremo,
 Rita Lee



o primeiro amor...” / “Ah, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor...” Como esses refrãos ficam separados uns dos outros por estrofes feitas de versos no nível da “mesa posta de peixe”, o texto todo parece Arnaut Daniel.

Parceiro de Caetano no movimento tropicalista, cuja visão estética era oposta ao caminho mais tradicional de Chico, o cantor, compositor, instrumentista e ministro da Cultura Gilberto Gil ligou para ele quando recebeu o convite de Lula, e aconselhou-se.

— Ele disse: “Acho ótimo para o Lula e para o Brasil. Se é bom para você, você é quem sabe”. Depois a gente se encontrou, e ele comentou: “Você sabe que eu só disse o que você queria ouvir”.

Convidado a focar seu depoimento no aspecto político, Gil vê na obra buarquiiana uma síntese de luta e engajamento:

— O nome e a obra de Chico estão ligados à idéia de música de protesto no Brasil. O Chico é o grande símbolo dessa dimensão, por ter ela permeado, de maneira exemplar, toda a sua trajetória. Surgimos juntos com a ditadura, e juntos acompanhamos a redemocratização, mas privilegiámos outros fronts. Chico perseverou, continuou.

Girando o olhar para outros Chicos (como o Chico parceiro em “Cálice” e “Baticum” e na inacabada “Pau de sebo”), Gil enxerga um músico que recupera elementos importantes da tradição, do samba e da canção brasileira clássica. E de um cantor de voz e postura de palco em metamorfose:

— Antes era diferente. Ele adorava cantar e se apresentar. Com o tempo, foi criando um desconforto. Hoje, faz um show como quem vai ao hospital fazer check-up. Mas é tão bom na coisa que assim mesmo o show fica sensacional. E a voz? Se a gente escutar hoje uma gravação como “Carolina”, vai perceber que a voz está lá com todos os harmônicos e todo o veludo muito mais projetados. Isso foi sumindo com o passar dos anos. Hoje a voz de Chico é marcada por uma não-descontração, que se incorporou à sua expressividade. Agora, vai perguntar a razão... não sei responder.

Rita: “Quis acreditar que ‘Rita’ foi feita para mim, mera mortal”

• Nesse sentido, Chico e Gil hoje são, na cena, o contraponto um do outro.

— O Chico, quando se apresenta, fica parado ali, quieto, não quer explorar outro elemento relacional com a canção a não ser o estar ali, cantando. Quando vai nos meus shows, depois vem e me diz: “O que você faz é completamente diferente do que eu faço, você faz o diabo, dança, pula, fica ali à vontade. Isso me assusta.” — conta, rindo, Gil.

Por telefone, de Los Angeles, Dori Caymmi, antitropicalista emblemático, entra na peleja para embolar o meio-de-campo com uma farpa no ministro. Ou no músico?

— Chico é a prova de que as pessoas não precisam misturar Brasil com Bob Marley tendo um Chico Buarque. Ele já faz parte da História, é da grande turma, de Dorival e Tom. Mas o tempo passa, a gente fica velho e os Bobs Marleys estão mandando. Sem falar nos craques que fazem apologia do hip hop.

Não que Chico seja só Brasil. Sua música está conectada também a matrizes estrangeiras, como ele mesmo afirmou numa entrevista à TVE nos anos 80, causando espécie ao dizer seu fazer musical tinha mais relação com a Europa que com o Brasil. Confrontado com isso, Dori não perde o rebolado:

— Nós somos estrangeiros. Temos uma influência européia. Não temos essa coisa do Martinho, do Pagodinho, de fazer só samba. A gente usou o samba para fazer melodias que são européias. Temos um pouco essa vagabundagem brasileira com molho europeu. E aí dá nessa coisa maravilhosa que é o Chico.

Mas a gente não pode esquecer que Bach é pai.

De São Paulo, Rita Lee, involuntariamente, põe pilha na discussão:

— Assim como Nara, Chico não era um tropicalista mas simpatizava conosco, não era um “inimigo indignado” como Geraldo Vandré, por exemplo, e mais camufladamente Edu Lobo... Chico era lindo e tímido, certa vez disse que gostava das minhas sardas e eu em resposta disse que gostava d’aquelles olhos verdes... Mais tarde quis acreditar que “A Rita” tinha sido

feita para mim, mera mortal!... Estive com ele pouquíssimas vezes e sempre fico desconcertada, é uma figura enigmática ao mesmo tempo que criança... Já tentei cantar alguma coisa dele mas nossos santos musicais não se cruzam muito, apesar de achá-lo um compositor bacanudo para caramba.

A menção a São Paulo de Rita é oportuna para se explorar outro aspecto do enigma buarquiiano: o quanto ele é, ao mesmo tempo, profundamente paulista e carioca. O olhar de Caetano, neste particular, pendia para Sampa:

— Chico para mim é São Paulo. Aprendi a amar as madrugadas paulistanas com ele e Toquinho. Foi lá que ele cresceu e estudou; foi lá que ele compôs e gravou as canções de seus primeiros álbuns. Somos todos cariocas. Chico não precisa se considerar paulista como eu o considero. Mas São Paulo não pode abdicar de contabilizar sua obra entre as maravilhas que a cidade produziu. Adoniran, Vanzolini, Nogueira, Vassourinha, Chico Buarque... É por isso que uma das emoções mais fundas que experimentei após 60 anos foi ouvir Chico cantan-

do “Sampa” no maravilhoso disco de Dori.

Marcos Valle, uma das expressões mais eloquentes do cariocismo, também conheceu Chico em São Paulo.

— Foi nos anos 60, quando fiz minha primeira temporada no João Sebastião Bar, onde tocavam os principais músicos da cidade — recorda Valle, que não sabia quem era Chico mas já impressionava-se com sua figura.

Valle: “Quando o vi com Tom, pensei: ‘caramba, virou carioca’”

• A impressão que Valle guardou de Chico em Sampa foi bem diferente da Caetano:

— Ele segurava o cigarro de maneira peculiar, elegante mas paulista, séria demais para a idade. Ficava na porta fumando, e de repente seguia o caminho dele. Quando fomos contratados pela TV Record, eu ainda achava sua música paulistona. De repente, comecei a vê-lo no Antonio’s, cercado de figuras como Vinícius, Tarso de Castro, Roniquito, Carlinhos de Oliveira. Aí tudo começou a mudar, a presença na cena cultural do Rio, a paixão pelo Flu e pelo futebol em geral. Quando se juntou com o Tom, eu falei: “lh, caramba, agora vai virar carioca mesmo...”. E fui percebendo em muitas músicas a ligação com Noel, com a Lapa, com Moreira da Silva, o modo moleque como tratava assuntos sérios.

Em 1971, em consequência do episódio do manifesto contra a Censura durante o festival da TV Globo, Marcos Valle e Chico (Gismonti também estava nessa) viveram juntos uma experiência extra-musical.

— Fomor recolhidos, os três, no mesmo camburão. No Dops, o Chico disse que não falava com general. Gismonti foi na aba do Chico. Na hora que o milico entrou, adivinha quem teve que soltar o verbo? Combinei que voltaríamos com os outros signatários em quatro dias. Quando chegou a hora, todos foram para o Zepelin em vez de comparecer. Aí apareceu a Marieta chorando com os filhos, dizendo que estava sendo ameaçada, e mudamos de idéia. Esse episódio nos aproximou, e tornou Chico, definitivamente, um amigo carioca.

Gismonti, então, que espante as trevas do general com uma mensagem de encerramento:

— Não sou exatamente da mesma geração. Tenho cinco anos menos. Quando veio “A banda”, eu era um menino ouvindo rádio em Friburgo. Os 60 de Chico são um momento muito alegre, ao qual todos devem se juntar em reverência. ■

► NO GLOBO ONLINE:
 Ouça as músicas de Chico
www.oglobo.com.br/cultura

CHICO

BUARQUE

UM VERSO GENIAL

"A saudade é o revés de um parto

A saudade é arrumar o quarto

Do filho que já morreu"

("Pedaço de mim", de 1978)

Uma carreira que lhe assegura o posto de mais bem-sucedido criador do teatro musical brasileiro

QUARENTA ANOS SEM SAIR DA CENA

João Máximo

Atrás da porta", "Olhos nos olhos", "Trocando em miúdos", "De todas as maneiras", "Meu guri" não foram feitas para teatro, mas bem poderiam ter sido. Todas têm o movimento, a força visual, o conteúdo dramático, o começo-meio-e-fim de breve texto teatral, só que vestido de música. É dos traços que fazem de seu autor, Chico Buarque, o mais ativo e bem-sucedido nome criativo do teatro musical brasileiro, mesmo quando muitas de suas melhores canções não são escritas para palco.

Por vocação, acaso ou o que seja, o teatro desde cedo faz parte de sua vida e de sua obra. Da vocação nos dão conta as lembranças familiares das operetas que o menino escrevia em parceria com a irmã Miúcha, lá pela década de 50. O acaso está no fato de "Tem mais samba" — oficialmente o seu opus número um — ter sido feito por encomenda para "Balanço de Orfeu", peça de Luís Vergueiro, produzida em São Paulo em fins de 1964.

Embora o artista consagrado viessem a ser o compositor e o letrista dos discos, dos recitais e dos programas de TV, quase sempre intérprete dele mesmo, o Chico Buarque-homem de teatro do fato tem sido, de várias maneiras, atuante. Musicando poesia alheia, escrevendo letra para música de parceiros, compondo música e letra a quatro mãos, vendendo canções teatrais para o português ou cuidando de tudo sozinho, texto, música e letra, nenhum outro tem feito tanto e tão bem. Como se disse, até em canções independentes que funcionam como breves cenas musicais.

— Realmente há teatralidade em muitas de suas canções — concorda o poeta Ferreira Gullar, autor com Dias Gomes de "Doutor Getúlio", uma das peças para as quais Chico escreveu canção. — Como ele fez música antes de fazer teatro, é possível que suas letras tenham aberto caminho para seus textos teatrais.

O crítico Sabato Magaldi, mesmo sem chegar a ressaltar o caráter dramático das canções de Chico, ao menos admite que a relação possa existir.

— Chico é maravilhoso compositor com canções de primeiríssima ordem — observa. — É pena que não se tenha dedicado mais ao teatro.

A dedicação a que se refere o crítico fez-se cada vez menor à medida que o compositor e o letrista foram prevalecendo. De início, a relação música & teatro era mais estreita do que aparentava. Não se pode deixar de lembrar que, pouco depois de "Tem mais samba", Chico já estava musicando os versos de "Morte e vida severina", adaptação para o teatro musical do auto de Natal de João Cabral de Melo Neto. Encenada em setembro de 1965, "Morte e vida severina" aconteceu na mesma época em que Chico aceitava compor tema incidental para "Os inocentes", de Maxim Gorki, produção do Teatro Oficina (mais tarde letrado pelo próprio Chico, o tema ainda viraria canção de ninar), e na mesma época também em que já tinha prontas "Pedro pedreiro", "A Rita", "Ole olá" e outras canções que integrariam seu primeiro e já arrematado LP. Enfim, música & teatro caminhando juntos.

Menos de três anos depois, já sendo um nome nacional como compositor, o homem de teatro se assumiu por inteiro pela primeira vez, responsável por texto, música e letra de "Roda viva", uma reflexão sobre sua própria condição de ídolo popular esmagado pelas engrenagens da indústria cultural. O espetáculo, que estreou no Teatro Princesa Isabel

Divulgação/Robson de Freitas

MARIETA E CHICO num ensaio do musical infantil "Os saltimbancos"



"CAMBAIO" foi a mais recente parceria com o amigo Edu Lobo, companheiro de muitos musicais



BIBI FERREIRA foi a estrela de "Gota d'água", adaptação com Paulo Pontes da tragédia grega "Medéia"



PAULO AUTRAN e Bibi em "O homem de La Mancha"



OTAVIO AUGUSTO e Marieta Severo em "Ópera do malandro"

em janeiro de 1968, ganharia notoriedade mais pela audaciosa direção de José Celso Martinez Correa. Mais notoriedade ainda tiveram os acidentes políticos vividos pela peça em São Paulo e em Porto Alegre, incluindo destruição de cenários, repressão policial e até espancamento e seqüestro de atores.

A teatralidade do cancionista passaria por um receso de quatro anos. O reencontro ocorreu quando aceitou traduzir, com a colaboração de Ruy Guerra, o texto de "Man of La Mancha", musical de Mitch Leigh e Joe Darion, sucesso da Broadway em 1966 e inauguração do Teatro Bloch em 1972.

Foi a primeira experiência de Chico como versionista de teatro (a última seria a balada "Die Moritat von Mackie Messer", convertida em samba na abertura e no fim da "Ópera do malandro"). De certa forma, foi mais um desafio que uma experiência. Em vez de uma tradução literal, palavra por palavra, ou de preocupar-se em respeitar os sons originais, Chico reciou letras rigorosamente dentro do sentido que a peça exigia, mas com sua própria poesia. Pouco importa que para isso tenha optado por acentuações suas (a da palavra nem sempre coincidindo com a da música) e por quase imperceptíveis alterações na melodia para que seus versos a ela se ajustassem. O melhor exemplo disso está na canção principal "O sonho impossível", em que ele transita por entre os versos em inglês de Darion e os da versão francesa de Jacques Brel, sem cair na tentação de seguir-lhes as pegadas. Resultado: em muitos momentos o Quixote brasileiro tem mais força que os de outras terras.

Claudio Botelho — dos mais requisitados versionistas do teatro atual, responsável, como ator, diretor e produtor, de remontagens de peças de Chico, entre elas a produção em cartaz, revista, aumentada e enriquecida da "Ópera do Malandro" — é um dos que acham "O sonho impossível" exemplar.

— Acho que a partir do Chico nosso teatro rompeu com as formas antigas de versão, que evitavam versos na ordem direta, não se preocupavam com as rimas, não atentavam para o fato de que, em letra de música para teatro, a forma está a serviço do conteúdo — diz ele.

Com Edu Lobo, musicou dois espetáculos de dança

• Converter "Medéia" num musical era idéia antiga de Oduvaldo Vianna Filho que Paulo Pontes (o diretor de "O homem de La Mancha") mantivera viva depois da morte do amigo. Chico escreveu todas as canções, música e letra, e colaborou com Pontes na adaptação do texto. Bibi Ferreira, a nova Medéia, recorda:

— O Chico Buarque de "Gota d'água" está muito ligado ao meu melhor momento. Foi quem me deu meu maior trabalho, meu canto mais alto.

O êxito do musical, estreado em 1977, não foi o bastante para fazer Chico esquecer a frustração vivida um ano antes com a proibição pela Polícia Federal de "Calabar, o elogio da traição", música sua, texto seu e de Ruy Guerra, sobre um pernambucano que no século XVII aliou-se aos invasores holandeses contra colonizadores portugueses e foi por isso enforcado como traidor, condição que, no mínimo, os autores questionavam.

Ao público sonegava-se o melhor trabalho de Chico Buarque para o teatro musical até então. Problema que o LP lançado meses depois, com o próprio Chico cantando todas as canções, atenuava em parte. O disco, hoje em CD, é obrigatório para que se

conheça melhor o teatro de Chico Buarque. Resistem nele preciosidades como "Tira as mãos de mim", perfeito texto dramático em forma de canção. Ou ainda "Tatuagem", na qual a sensualidade se antecipa à tragédia que está por vir.

Chico não teve mais problemas com a censura em seus musicais a partir de "Gota d'água". É verdade que um deles, de 1977, a versão para o português do italiano "Os saltimbancos", de Luis Bacalov e Sergio Bardotti, era uma peça infantil. Os tempos, contudo, tornavam-se menos sombrios, de modo que "Ópera do malandro", destinada a ser seu maior sucesso (viraria filme e ganharia a citada remontagem recente), pôde falar de política sem maiores percalços. Outras obras-primas do teatro buarquiano, se se pode dizer assim, estão no repertório: a irreverente "Tango do covil", a descrente "Viver do amor", a anti-romântica "Folhetim", a insolente "Se eu fosse o teu patrão", a comovente "Pedaço de mim", uma após outra numa formidável coleção.

Do musical seguinte — "O rei de Ramos", texto de Dias Gomes, música de Francis Hime, letras de Chico, produzido em 1979 — não resultou nenhuma canção destinada a ter vida própria fora da peça, com toda a qualidade que há pelo menos em "Duetto", só de Chico. A mesma sorte teria "Cambaio", de 2001, texto de João e Adriana Falcão, canções de Edu Lobo e Chico, até aqui o último trabalho dos dois últimos para o teatro. Mas Chico e Edu já tinham a seu crédito excelentes trabalhos juntos para poderem se permitir "Cambaio". É o caso de "O corsário do rei", de 1985, do qual bastaria citar uma das 12 canções para atestar a excepcionalidade do roteiro musical: "Choro bandido".

Também de Edu e Chico são dois espetáculos de dança cantados, ambos encomendados pelo Ballet Guaira de Curitiba. "O grande circo místico", de 1982, é talvez o ponto mais alto da obra teatral da dupla. Grandes canções contextuais são "Valsa dos clowns", "A história de Lily Braun", "Ciranda da bailarina", "Sobre todas as coisas" e, pelo menos no nível de obras-primas, "Beatriz", bela construção melódico-harmônica de Edu e aquela letra que um estranho acaso levou Chico a usar a palavra céu na nota mais alta e chão na mais baixa. "Dança da meialua", de 1988, pode não ser trabalho tão brilhante, mas são do melhor Chico com Edu várias canções e mais uma obra-prima, "Valsa brasileira".

Sozinho ou com parceiros vários, Chico Buarque teve canções interpoladas em várias peças de teatro, musicais ou não. A qualidade é sempre a mesma. Os textos de alguns de seus musicais, naturalmente incluindo as letras, já estão publicados em livro. O que não deve significar tanto para o autor, compositor e letrista para quem sua obra poética não é necessariamente poesia. Ou seja, não existe para funcionar no papel, sem a música para a qual foi feita. Ferreira Gullar concorda:

— Chico sabe das coisas. Poesia é uma coisa e letra de música, outra. O poeta já incute em seus versos todos os elementos necessários para que eles funcionem por si mesmos. O letrista está preso à música, limitado por ela.

Gullar lembra que, no teatro, as limitações são ainda maiores:

— No teatro, a palavra está ligada à ação dramática. Se os versos da canção não têm nada a ver com a história, com o personagem, com a cena que ilustram, não significam coisa alguma. Chico entende isso muito bem. Veja o quanto de ação dramática há naquela canção que diz: "Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria..."

Versos de "Quem te viu, que te vê", outra canção que Chico não escreveu para o teatro. ■

Hugo Sukman

Miguel Faria Jr. não acha que "Para viver um grande amor" seja propriamente seu melhor filme. — Mas é inteiramente por culpa minha, que não fiz o filme direito, a idéia era ótima — ri Miguel, um dos amigos mais próximos de Chico, com quem janta pelo menos uma vez por semana, e que atribui grande parte da tal ótima idéia ao seu co-roteirista, ele mesmo, Chico Buarque. — A idéia era adaptar o musical de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, "Pobre menina rica", a um outro Brasil, um Brasil em grave crise, em que os ricos fugiram para o exterior e os pobres começaram a ocupar os prédios vazios. Neste contexto se dá a história de amor entre o mendigo (*Djavan*) e a menina rica (*Patrícia Pillar*).

Imaginar a adaptação da história de amor criada por Vinicius, concebida para se dar num terreno baldio da idílica Ipanema dos anos 60, para um Brasil em plena conflagração social dos anos 80 é mesmo uma boa idéia cinematográfica. A atividades evidentemente mais conhecidas de Chico, como a canção, a literatura, o teatro, o futebol, etc. então some-se essa, a de roteirista.

Chico participou da feitura de pelo menos três roteiros filmados: "Quando o carnaval chegar" (1972), de Cacá Diegues, no qual vive, ao lado de Nara Leão e Maria Bethânia, o papel de um artista mambembe; "Para viver um grande amor" (1983); e "Ópera do malandro" (1985), adaptação de sua mais famosa peça para o cinema, dirigida por Ruy Guerra. Colaborou ainda no argumento de "Os saltimbancos trapalhões" (1981), também inspirado no musical infantil "Os saltimbancos", adaptado por ele para os palcos nos anos 70. Em todos os filmes, naturalmente, Chico fez as canções.

Cacá transformou compositor em roteirista

• Cacá Diegues foi o primeiro a convocar Chico para escrever para o cinema. E o fez não só pela amizade e proximidade — Nara Leão, mulher do cineasta na época, foi a primeira grande intérprete de Chico — mas por ver no compositor a "encarnação da utopia brasileira".

— Chico é o sonho da conciliação brasileira, que une o erudito ao popular, a alta cultura à cultura de massas, etc., esse projeto mário-andradiano que ele prossegue — diz Cacá, que encomendou para seus filmes canções que virariam clássicos do repertório buarquiano, "Bye bye Brasil", "Joana Francesa", além das sete canções do *score* de

Fotos de divulgação



CHICO EM "QUANDO o carnaval chegar", com Nara Leão: o compositor dá uma de ator e até de roteirista

MUITO MAIS QUE CANÇÕES

"Quando o carnaval chegar". — Em 1972, quando cheguei do meu exílio voluntário em Paris, reencontrei um Brasil deprimido, fraccassado. Quis fazer um filme que celebrasse a alegria, a música e a vontade de viver como elementos revolucionários. Pensei logo no Chico, e na Nara e na Bethânia como símbolo da força da música brasileira, da alegria.

Cacá, Chico e Hugo Carvana criaram então uma espécie de dramaturgia da alegria brasileira, inspirada nas chanchadas da Atlântida.

— E não é que eu tenha transformado o Chico em ator, na verdade a gente apenas criou uma dramaturgia e eu documentei Chico, Nara e Bethânia vivendo aquilo — diz Cacá. — Mas o bom mesmo era estar com Chico. Conviver com ele, jantar com ele, com aquele humor, aqueles comentários ferinos já é divertidíssimo. Trabalhar é melhor ainda.

Essa "dramaturgia da alegria" da trupe de artistas que se diverte na tela para desanuviar o peso da ditadura em "Quando o car-

UM VERSO GENIAL

"Na desordem do armário embutido
Meu paletó enlaça o teu vestido
E o meu sapato inda pisa no teu"

("Eu te amo", parceria com Tom Jobim, de 1980)

CHI60

BUARQUE



Com boa parte da obra feita para filmes, Chico escreveu roteiros e até atuou no cinema

Rio. Mas foi depois do exílio e da experiência em "Quando o carnaval chegar" — cujo *score* traz clássicos como "Partido alto" a maravilhas não tão lembradas, como "Baioque" (que usa de forma inusitada metáforas sertanejas, "Quando rio/Rio seco/Como é seco o sertão/Meu sorriso/É uma fenda escavada no chão") — que Chico virou um autor de canções-tema para o cinema brasileiro.

— "Vai trabalhar, vagabundo" tinha uma carga de ironia, de picardia, que era natural chamar o Chico para fazer a música, além de ele estar muito próximo naquela ocasião — diz o diretor do filme, Hugo Carvana, amigo de juventude de Chico, a quem já havia dirigido um show, e que lhe apresentou à futura mulher Marieta Severo. — Mas, tirando a proximidade, o fato de ele ter visto o roteiro nascer, o Chico é um compositor ideal para o cinema, pois ele conversa muito, conhece os personagens, tem total noção dramática.

Temas para filmes viraram clássicos

• Todos os temas que Chico faria para o cinema, a partir dali, seriam uma seqüência impressionante de clássicos: a valsa bilíngüe "Joana Francesa"; "A noiva da cidade" (com Francis Hime) reproduzindo aquela inocência maliciosa do universo de Humberto Mauro homenageada no filme de Alex Viany; "O que será", na verdade um tríptico — "Abertura", "À flor da Terra", "À flor da pele" — sobre a convulsão interior da personagem de Sonia Braga em "Dona Flor e seus dois maridos", de Bruno Barreto, maior sucesso da história do cinema brasileiro; "Bye bye Brasil" (com Roberto Menescal), uma nova aquarela; "Eu te amo" (com Tom Jobim), sua mais linda canção de despedida.

Exerceria, também, o tal talento dramático de que fala Carvana, fazendo músicas para personagens. Para o policial carioca "República dos assassinos", o primeiro filme de Miguel Faria Jr. em que Chico faria canções de amor estranhas e opostas: o bolero "Sob medida", uma canção de amor da prostituta vivida por Sandra Bréa para o policial do esquadrão da morte interpretado por Tarcísio Meira, e o xaxado "Não sonho mais", uma estranha declaração ("Ai amor, não grita/ai não me castiga/Ai, diz que me ama e não sonho mais", diz, depois de sonhar que está torturando seu amor) feita por um travesti (Ancelmo Vasconcelos) para o mesmo policial.

Ainda viriam *scores* inteiros para musicais como "Os saltimbancos trapalhões" e "Ópera do malandro", totalmente diferentes das canções feitas para o teatro, e a obra-prima de sua produção para o cinema, em parceria com Djavan e Tom Jobim, "Para viver um grande amor", de onde são "Imagina", "A violeira", "Meninos, eu vi", "Tanta saudade", "Sinhazinha", "Samba do grande amor", tanta música boa.

Chico nunca parou de fazer música para cinema — só no período pós-retomada fez "A ostra e o vento", "Forrobodó" (com Edu Lobo, para "Xangô de Baker Street") e "Lara" (com Dori Caymmi) — mas ultimamente tem trabalhado até como ator, reencarnando Noel Rosa no "Mandarim" de Julio Bressane ou sendo uma das faces do Silva, o especialista em disfarces procurado em "Ed Mort". De Cauby Peixoto a Zé do Caixão, o Silva adquire várias aparências do filme. Nenhuma tão inesperada quanto a do compositor que, cinematograficamente, Glauber Rocha comparou a um Errol Flynn que desembanhava sua espada contra a ditadura. ■

SONIA BRAGA e José

Wilker em "Dona Flor":

o tríptico "O que será"

pontua as viradas

interiores da personagem



100 PERSONALIDADES ELEGEM A MELHOR MÚSICA DE CHICO BUARQUE



PRESIDENTE LULA • "A banda". É a preferida também de dona Marisa e foi um dos hits da festa junina na Granja do Torto.



FERNANDO MEIRELLES • "Pedaço de mim". "O verso 'Oh metade excitada de mim...' é a mais verdadeira, profunda e linda declaração de amor que jamais ouvi."



CARLOS ALBERTO PARREIRA • "Quem te viu, quem te vê". "Chico Buarque é um compositor que agrada independentemente da faixa etária. Coisa de gênio."



FERREIRA GULLAR • "Roda viva". Gullar é autor, ao lado de Dias Gomes, da peça "Doutor Getúlio", que se encerrava com um samba-enredo composto por Chico.



RENATA SORRAH • "Gota d'água". "É a 'Medéia' do Chico, e esse é meu momento-Medéia." Ela está em cartaz como protagonista da tragédia carioca que também foi adaptada por Chico e Paulo Pontes para o teatro.



JORGE RICARDO • "Quem te viu, quem te vê". "Ela fala de amor de carnaval e tem um refrão inesquecível."



JOYCE • "Futuros amantes". "Junta tudo: a sofisticação musical, a letra deslumbrante e, principalmente, a grande sacada — 'quem sabe então o Rio será alguma cidade submersa' (o medo oculto de todo carioca)."



CARLOS TUFVESSON • "Vai passar". "Adoro as músicas da 'Ópera do malandro'. Mas, quando me falam de Chico, o que me vem à cabeça é 'Vai passar'. Essa lembrança é mais forte que minha opinião."



SANDRA WERNECK • "Futuros amantes". "Esta eu guardo no coração. Ela me inspirou enquanto eu filmava 'Pequeno dicionário amoroso'."

Qual é a melhor música de Chico Buarque? A pergunta, feita para cem personalidades da cena brasileira, foi encarada por todos como uma escolha de Sofia. — Isso é uma maldade — reagiu a cantora Evinha, antes de votar em "Mar e lua". — Destacar apenas uma canção na obra deste monstro é a maior injustiça que já cometi na vida — rebateu o cineasta Fernando Meirelles. — Em se tratando de Chico Buarque, a solicitação correta seria pedir a lista das cem melhores músicas — acrescentou, antes de apontar "Pedaço de mim", do repertório de "Ópera do malandro". — Vou sentir uma angústia profunda em ter de escolher uma só — disse a atriz Ana Beatriz Nogueira. — Pensei, pensei, jamais pensei tão sério assim — confessa a cantora e compositora Joyce ao revelar seu voto em "Futuros amantes". A apresentadora Mônica Waldvogel também passou um fim de semana inteiro pensando, pensando... Até que escreveu o nome de dez músicas em pedaços de papel e... sorteou! Deu "O que será" na cabeça, a mesmo escolha angustiada de Ana Beatriz Nogueira. "O que será" foi considerada a melhor música de Chico por mais sete eleitores: o diretor de TV Dennis Carvalho, o cineasta Paulo Morelli, a atriz Stela Miranda ("Uma só? Como, se a gente tem um Chico nosso de cada dia?"), o ministro Eduardo Campos, o deputado Chico Alencar, o compositor Toquinho e o ator Paulo José. Paulo José é do time de Fernando Meirelles, aqueles das cem melhores: — A música do Chico de que eu mais gosto são cem. Dessas cem, cada uma traz uma lembrança particular, uma memória carregada de açúcar e afeto, para não fugir do plágio banal. De qualquer forma, a escolha de Paulo José garantiu a eleição de "O que será" com apenas um voto de diferença da segunda colocada, "A banda". A turma de eleitores de "A banda" merece respeito: o presidente Lula (é também a favorita de dona Marisa, mas no colégio eleitoral foi computado um voto só), o prefeito Cesar Maia, o diretor de teatro Domingos Oliveira, Janeth do Vôlei, o senador

'O que será', uma música que vale por duas, é eleita a melhor já composta por Chico Buarque num júri que ficou tão dividido que, no fim da apuração, transformou as dez mais em 11

José Sarney, o senador Eduardo Suplicy, o ministro Tarso Genro e o arquiteto Pedro Paranaquá. Os cem eleitores citaram 48 músicas diferentes, o que mostra a inacreditável quantidade de obras-primas que Chico Buarque compôs. Cada voto que aparecia era uma música diferente que entrava na lista. Ronaldinho votou numa que, ele mesmo diz, quase ninguém conhece, "Leve", parceria com Carlinhos Vergueiro. A designer de sapatos Constança Basto deu o voto único de "Gente humilde", parceria com Vinícius de Moraes e Garoto (ela se lembra da tia Zezé tocando-a ao violão em serenatas na fazenda da avó no Espírito Santo). A atriz Arlete Salles foi a única que se lembrou de "Meu guri" ("Quando a ouvi pela primeira vez, fiquei tão emocionada que não parava de chorar. A música me pegou desprevenida"). Todo mundo já foi pego desprevenido, pelo menos, uma vez na vida por uma música de Chico Buarque. — Chico desvenda o universo feminino com muita facilidade e isso me irrita. Não gosto quando o homem faz isso — confessa a senadora Heloisa Helena ao votar em "Uma canção desnaturada", também de "Ópera do malandro". O presidente do PR, José Genofino, tem uma razão particular para escolher "Apesares de você": — Eu cantava muito lá na selva, no Araguaia. E também dentro da prisão. O ministro da Saúde, Humberto Costa, é misterioso quanto ao voto em "Eu te amo": — Marcou uma fase muito especial da minha vida. A vitória de "O que será", composta para a trilha de "Dona Flor e seus dois maridos", premia uma canção que, na verdade, são duas. Chico compôs duas letras diferentes para a mesma melodia. — As duas versões revelam mas não mostram, sugerem mas não entregam e, com sua linguagem cifrada, insinuam-nos em pais em efervescência e um homem apaixonado — analisa o cineasta Paulo Morelli, eleitor da campeã. — Dizer tudo sem deixar explícito, isso é arte das grandes. ■

► NO GLOBO ONLINE: Conheça cada voto e também escolha a que você acha melhor www.oglobo.com.br/cultura



ALCIONE • "Trocando em miúdos". "Chico é genial ao dizer no fim da música: 'Eu fecho o portão sem fazer alarde, eu levo a carteira de identidade, uma saideira (...) e a leve impressão de que já vou tarde.'"



MINISTRO MÁRCIO THOMAZ BASTOS • "Noite dos mascarados". "Pela qualidade literária e pela emoção que a música transmite."



CHICO ANYSIO • "A Rita". "É um samba que Noel Rosa assinaria e ele o fez com 19 anos de idade."



SENADOR EDUARDO SUPLICY • "A banda". "Essa música tem um sentido de alegria com as coisas bonitas que gostamos de ver passar."



WALTER SALLES • "Construção". "A letra não é somente brilhante, como também descreve como poucas o país em que vivemos."



JÔ SOARES • "Fado tropical". "Não sou uma donzela desvairada que suspira ao escutar sua música preferida. Gosto da obra do Chico como um todo."



ANA BEATRIZ NOGUEIRA • "O que será"



DOMINGOS OLIVEIRA • "A banda". "Chico é único e insubstituível, como todos nós. Só que tem uma alma deslumbrante, uma inteligência de gênio."



CESAR MAIA • "A banda". "Me traz lembranças fortes de um momento importante na minha vida e na minha formação."



HEBE CAMARGO • "Carolina". "É difícil escolher só uma canção do Chico. Ele é um artista maravilhoso e muito atuante no cenário político do país. Tive o privilégio de gravar 'Carolina'."



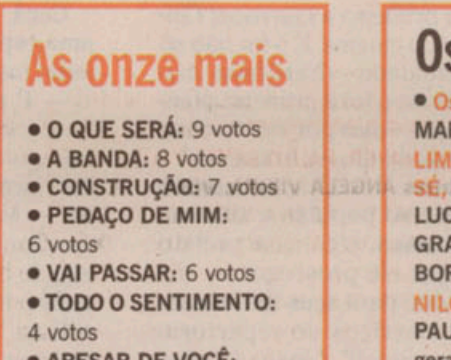
MÔNICA WALDVOGEL • "O que será". "Ela acompanhou toda minha vida, da adolescência à maturidade, e sempre me ajudou quando quis compreender o que não tem sentido, nem nunca terá."



FLÁVIA QUARESMA • "O meu amor". "Até hoje sofro quando ouço essa música. A letra é bárbara, tem força. Eu sinto que aquele amor é de verdade. É a top, um espetáculo."



LYA LUFT • "Todo o sentimento"



GILBERTO BRAGA • "Bye bye Brasil"

As onze mais

- O QUE SERÁ: 9 votos
- A BANDA: 8 votos
- CONSTRUÇÃO: 7 votos
- PEDAÇO DE MIM: 6 votos
- VAI PASSAR: 6 votos
- TODO O SENTIMENTO: 4 votos
- APESARES DE VOCÊ: 3 votos
- EU TE AMO: 3 votos
- FUTUROS AMANTES: 3 votos
- QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ: 3 votos
- RETRATO EM BRANCO E PRETO

Os outros jurados

• Os arquitetos PEDRO PARANAGUÁ, MIGUEL PINTO GUIMARÃES e LIA SIQUEIRA; • os apresentadores MARÍLIA GABRIELA e LUCIANO HUCK; • os atores LÁZARO RAMOS, SERGIO BRITTO, FABIO ASSUNÇÃO, LIMA DUARTE, REYNALDO GIANECCHINI, MIGUEL FALABELLA, JOSÉ MAYER, PAULO BETTI, PAULO JOSÉ, NEY LATORRACA, JOSÉ DE ABREU e DAN STULBACH; • as atrizes ÂNGELA VIEIRA, VERA HOLTZ, LUCIA VERÍSSIMO, TONIA CARREIRO, GABRIELA DUARTE, ARLETE SALLES, FERNANDA RODRIGUES, GRAZIELA MORETTO, JULIA LEMMERTZ, STELA MIRANDA, ARACY BALABANIAN, TAIS ARAUJO e DEBORAH EVELYN; • os cantores CLAUDETTE SOARES, EVINHA, TERESA CRISTINA, TELMA TAVARES e DANILO CAYMMI; • os cineastas ROSANE SVARTMAN, MONIQUE GARDEMBERG, MARCOS BERNSTEIN, PAULO THIAGO e PAULO MORELLI; • os compositores TOQUINHO e CARLINHOS VERGUEIRO; • a diretora-geral da Rede Globo, MARLUCE DIAS DA SILVA; • o diretor-geral artístico da Rede Globo, MÁRIO LÚCIO VAZ; • os diretores de teatro HAMILTON VAZ PEREIRA e ANA KFOURI; • os diretores de TV DENNIS CARVALHO e WOLF MAYA; • os deputados JOÃO PAULO CUNHA, PROFESSOR LUIZINHO, ALDO REBELLO e CHICO ALENCAR; • os escritores SÍLVIO DE ABREU, HELOISA SEIXAS, ANTONIO CARLOS SECCHIN e ARMANDO FREITAS FILHO; • os esportistas ROBERT SCHEIDT, JANETH DO VÔLEI, JACQUELINE SILVA, RONALDINHO e SANDRA PIRES; • a estilista CONSTANÇA BASTO; • os ex-deputados JOSÉ SERRA e JOSÉ GENOFINO; • os ministros TARSO GENRO, HUMBERTO COSTA e EDUARDO CAMPOS; • os jornalistas REGINA MARTELLI e SERGIO CABRAL; • a produtora de moda HILUZ DEL PRIORI; • os senadores JOSÉ SARNEY e MARCO MACIEL; • o técnico BEBETO DE FREITAS; • e a modelo DANIELA SARAHYBA.

Nos faltam palavras para homenageá-lo. Por isso, usamos as dele.



francisco

"palavra prima, uma palavra só, a crua palavra que quer dizer tudo anterior ao entendimento, palavra."

Lançamento de caixa especial em edição limitada, contendo:

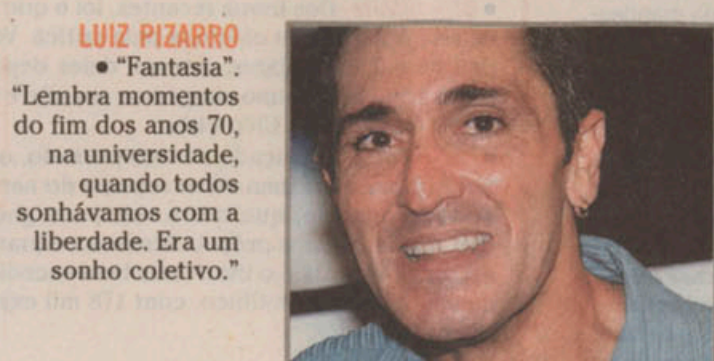
- 12 CDs + 2 DVDs • Livro de luxo com 90 páginas
- Projetos gráficos originais em digipack • Fotos raras e inéditas
- Biografia e discografia comentada em português, inglês e francês



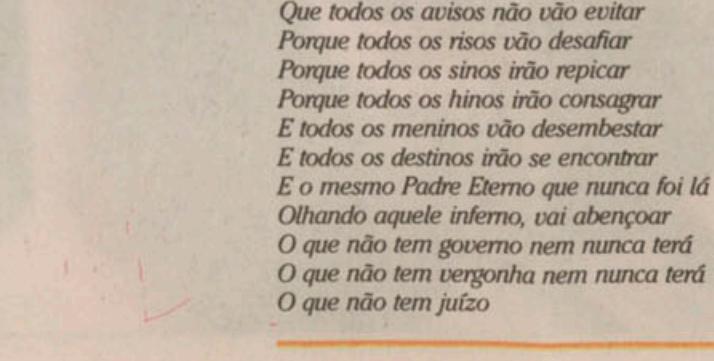
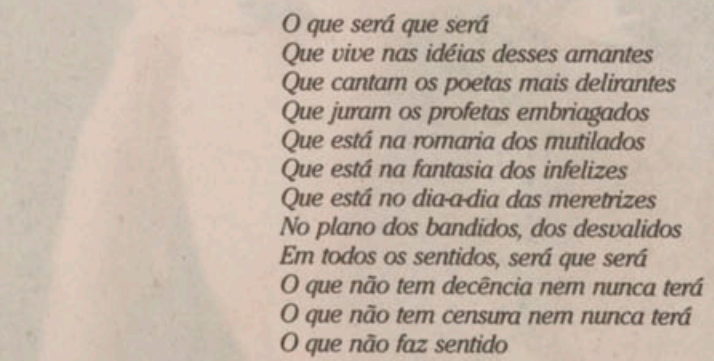
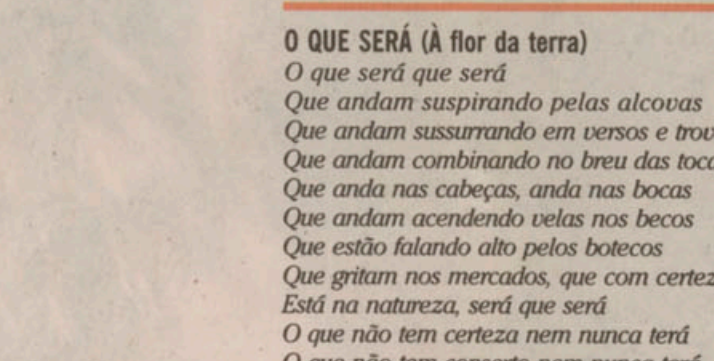

SENADORA HELOISA HELENA • "Uma canção desnaturada". "É do repertório da 'Ópera do malandro'. É a música que mais expressa a alma feminina."



PATRICIA PILLAR • "Eu te amo". "Se a engenharia de palavras do Chico é sempre surpreendente, nessa música, em especial, ele cria imagens incríveis."



LUIZ PIZARRO • "Fantasia". "Lembra momentos do fim dos anos 70, na universidade, quando todos sonhávamos com a liberdade. Era um sonho coletivo."



Daniela Name

Chico Buarque prefere dizer que sua carreira literária começou com "Estorvo", terminado em 1990, em Paris, e lançado em novembro do ano seguinte. Com isso, vira a página de todos os seus escritos de juventude, que começaram a ser publicados em 1966, ano em que "A banda" chegou às prateleiras. Este primeiro livro reunia manuscritos das primeiras canções, o conto "Ulisses" e um texto de Carlos Drummond de Andrade sobre "A banda", trampolim de sua carreira como compositor. Antes, Chico já tinha escrito, entre 1963 e 1964, o poema "A bordo do Rui Barbosa", que só seria transformado em livro em 1981, com ilustrações de Vallandro Keating, um colega da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

"O poema é de 63 ou de 64. Anos que nós dois dedicamos a não estudar arquitetura. Ele era o malandro e eu era o carioca. Fazíamos bossa nova nos porões da FAU. Lembro que o malandro usava umas calças sem bolso e, como homem não podia andar de bolsa, ele vivia cheio duns papéis na mão. Quinze anos depois, o Vallandro me aparece com esse poema. Custei a me reconhecer", lembrou Chico.

Em 1974, ele lançou "Fazenda modelo" (Civilização Brasileira), ambientado numa fazenda de gado. Mas não costuma levar muito em conta esta novela no seu currículo como escritor.

— Não sei o motivo, mas ele prefere dizer que a carreira começou com "Estorvo" — diz Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, que publicou os três últimos livros de Chico.

O compositor também escreveu "Chapeuzinho

CHICO BUARQUE



UM VERSO GENIAL
"Saiba que os poetas
Como os cegos
Podem ver na escuridão"
("Choro bandido", parceria
com Edu Lobo, de 1985)

Fotos de divulgação



CLÉO PIRES e
Danton Mello em
"Benjamim",
adaptado para o
cinema por
Monique
Gardenberg;
muitos tempos

A LITERATURA COMO UM FILME

Compositor estreou como escritor em 1966, ao publicar o conto 'Ulisses', mas prefere dizer que sua carreira literária se iniciou com 'Estorvo'

uma atriz — lembra Schwarcz. — Resolvi arriscar e o livro recebeu numerosas críticas positivas.

Mas o crítico Wilson Martins, colunista do GLOBO, não gostou. E chegou a dizer que "Estorvo" era uma cópia de "Zero", de Ignácio Loyola Brandão.

Crítico comparou Chico ao "novo romance" francês

• "Estorvo" é narrado em primeira pessoa e alterna vários tempos e estados de consciência. O narrador-personagem e os tempos que se interpenetram também aparecem em "Benjamim" (1995) e "Budapeste" (2003), romances seguintes. "Benjamim" também foi duramente criticado por Martins, numa coluna em que juntava o livro e "O Xangô de Baker Street", de Jô Soares, sob o rótulo de "literatura amadora".

"Por deliberação ou reminiscência involuntária, Chico Buarque escreveu pelo modelo já arcaico do 'novo romance' francês (que era 'novo' na década de 50). É a 'literatura do olhar', como a chamaram Robbe-Grillet e outros tratadistas, clara transposição das técnicas cinematográficas para o texto literário. A exemplo desses ancestrais, Chico Buarque entrega-se a descrições minuciosas em que o olho da câmera cinematográfica se transforma em microscópio (...) desde as primeiras linhas ele volta ao velho lugar-comum segundo o qual toda a vida pregressa perpassa vertiginosamente pelas pupilas do condenado no momento de sua morte — 'tal qual um filme', acentua o ficcionista".

Não se sabe se Chico escreveu mesmo pensando no cinema, mas é certo que o cinema tem lido Chico. Os direitos de "Budapeste" já começam a ser negociados, e tanto "Estorvo" quanto "Benjamim" ganharam versões para a tela, a primeira assinada por Ruy Guerra; a outra, por Monique Gardenberg.

— "Benjamim" tem um tom de observação aguda da realidade e das pessoas — diz Monique. — Isso é cinema hitchcockiano, ou de Godard, ou de Visconti. Um cinema menos verbal, que, no fundo, me interessa mais, porque ele está mais próximo da poesia do que da prosa, da tragédia do que do drama. Para se fazer um bom cinema é necessário desrespeitar a obra que o originou. Esta foi minha maior dificuldade na adaptação.

A crítica literária Beatriz Resende não acha que Chico escreva pensando no cinema:

— Há muitos contistas da nova geração desperdiçando texto literário ao criar contos que vêm decupados, pensados para uma futura adaptação cinematográfica. Mas Chico não comete este pecado. Se os cineastas se interessam por seu texto, é porque enxergam ali uma linguagem bem-acabada.

Beatriz acha que Chico pertence a uma família latino-americana de escritores. Diz que vê em "Budapeste" uma narrativa labiríntica, que aproxima o autor do jogo de espelhos de Borges e de Cortázar. Entre os autores mais jovens, Chico teria, para ela, parentesco com Ricardo Piglia, de "Plata quemada".

— Chico e Piglia são cronistas da cidade — diz ela. — E eu acho que é justamente a cidade que aproxima o Chico literário do Chico músico. Mas a cidade da literatura não é tão identificável quanto a das canções, em que os lugares são mapeados por meninos no sinal ou na citação explícita de bairros e ruas.

Além desta linhagem latino-americana, a literatura de Chico já foi comparada ao universo fantástico de García Márquez e ao jogo de acasos feito por Paul Auster. Schwarcz diz que, como leitor, nunca conseguiu identificar estas influências.

— Acho que ele pode ter lido García Márquez e Kafka, mas isso não fica tão explícito quando escreve — conta o editor, que se diz um privilegiado por publicar Chico. — Não é qualquer um que jogaria fora um livro quase pronto para melhorá-lo, como ele fez com "Budapeste". Ninguém jamais vai poder acusá-lo de ter pouco cuidado com a linguagem. ■

Os sete livros

• **A BANDA:** Lançado em 1966, reunia o conto "Ulisses" e um texto de Carlos Drummond sobre a canção "A banda".

• **FAZENDA MODELO:** Lançado pela Civilização Brasileira em 1974, está até hoje em catálogo e vendeu 4.490 exemplares. Faz clara crítica à ditadura militar.

• **CHAPEUZINHO AMARELO:** Lançado em 1979, com ilustrações de Ziraldo, já foi adotado em escolas e vendeu 60 mil exemplares.

• **A BORDO DO RUI BARBOSA:** O poema, escrito entre 1963 e 1964 na faculdade de arquitetura, foi transformado em livro em 1981.

• **ESTORVO:** Lançado no fim de 1991, é o primeiro romance de Chico na Companhia das Letras. Vendeu 173 mil exemplares. Ruy Guerra rodou em Havana e no Rio a adaptação do livro para o cinema.

• **BENJAMIM:** Dos livros recentes, foi o que teve recepção menos calorosa pela crítica. Vendeu 84 mil exemplares, dez mil deles depois que o filme homônimo chegou ao circuito e revelou o talento de Cléo Pires.

• **BUDAPESTE:** Lançado no ano passado, o livro explora mais uma vez o recurso do narrador-personagem, que desta vez é um ghost writer que conta a própria história enquanto escreve outra. Já é o livro mais bem-sucedido comercialmente de Chico, com 178 mil exemplares vendidos.

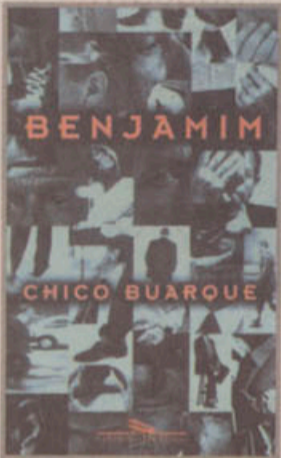
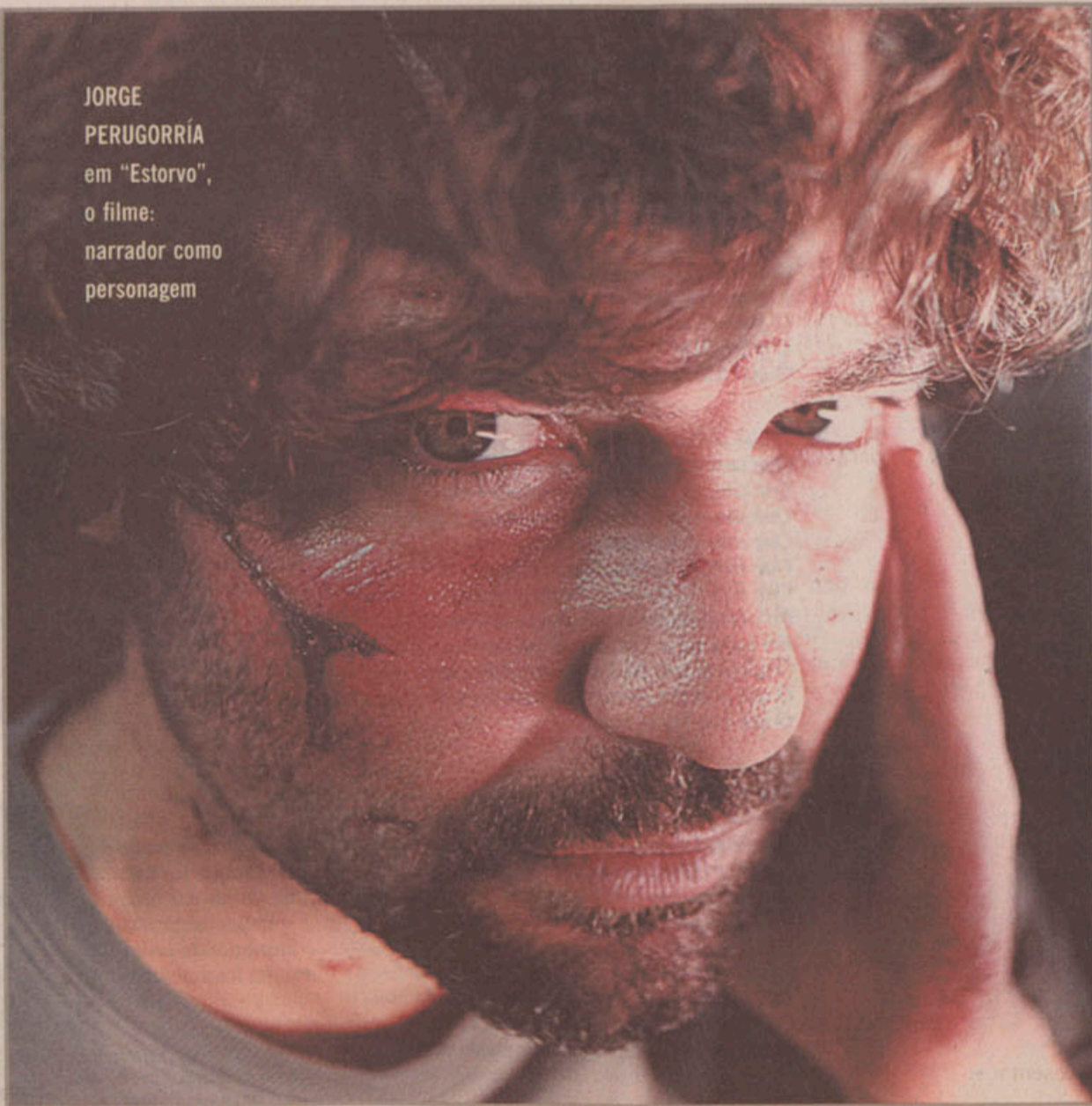
Amarelo" (1979, José Olympio), história infantil ilustrada por Ziraldo em que relê o clássico "Chapeuzinho Vermelho" para falar dos medos de criança. "Fazenda modelo" já foi comparado a "Revolução dos bichos", de George Orwell, e contesta claramente a "vida de gado" dos brasileiros durante a ditadura militar. O livro também fez a reciclagem de um tema clássico da literatura brasileira — o boi.

"Estava com vontade de comprar um sítio e comecei a ver bichos e a gostar deles. Comprei livros sobre a técnica pecuária, não com intenção de montar uma fazenda, mas porque achei que ali tinha assunto, talvez para um outro conto", contou Chico em 1974, numa entrevista ao GLOBO em que também revelava que "Fazenda modelo" tinha sido escrito ao longo de uma viagem de dois meses. "Quando cheguei, tinha produzido um livro. Mal delineado, mas com começo, meio e fim. Deixei de lado o boteco, o cinema e o teatro, e não larguei mais o livro".

"Fazenda modelo" dividiu a crítica. No "Jornal do Brasil", destacou-se que "por incapacidade de sustentar literariamente o tom de sátira, ou empolgado, quem sabe, pelos acordes de uma deliberada manifestação política, Chico Buarque apresenta apenas idéias. Idéias em bruto". Já O GLOBO disse que "a novela pecuária transcende o aspecto do gado vacuum e assume características sobre a paranóia do poder". Dezoito anos depois deste primeiro romance, "Estorvo" ficou pronto. Com medo do preconceito contra Chico, Schwarcz criou uma estratégia de lançamento arriscada, quase kamikaze: em vez de mandar as provas do romance para jornalistas, enviou-as para a casa de críticos como Leila Perrone Moysés e José Paulo Paes.

— Tinha ido almoçar com um jornalista importante e ele comparou a iniciativa de Chico com a biografia de

JORGE PERUGORRÍA em "Estorvo", o filme: narrador como personagem





Divulgação

COM RONALDINHO, no campo do Polytheama: fenômenos adversários

Fernando Calazans

Na primeira vez que fui ao campo do Polytheama, estava muito bem acompanhado: cheguei com Tostão, o campeão mundial de 70, íamos gravar com Chico Buarque uma seqüência sobre futebol para o seu especial intitulado "As cidades".

Chico já estava em ação na pelada. Ficamos assistindo quietinhos, Tostão e eu, para não dispersar a atenção de quem estava envolvido no jogo. Lá pelas tantas, a bola é passada na direção de Chico, muito forte, metade passe, metade chute pra frente. Lance difícil. Mas Chico amortece a bola com o lado externo do pé direito e, no mesmo toque, único toque, já a oferece, macia, ao companheiro no meio da área para o chute a gol.

Sem olhar para mim, nem eu para ele, Tostão exclama:

— Puxa! Essa é de craque.

Se fosse eu a fazer a observação, ela teria um peso. Sendo o Tostão, o comentário adquire outra dimensão. Era um craque, um supercraque do futebol, tomado de surpresa pela jogada de classe de outro artista, que é o dono do campo do Polytheama, no Recreio, na Zona Oeste do Rio.

"Futebol é provavelmente a maior de todas as paixões de Chico. Maior que a música? Pode ser."

A frase também não é minha. É da jornalista Regina Zappa, no livro sobre Chico para a coleção Perfis do Rio. Também ela tem mais autoridade do que eu para falar das paixões do biografado. Paixão pela arte, paixão pelo futebol, paixão pela arte do futebol.

A vistosa matada de bola com o lado externo do pé é jogada característica de Chico, uma das suas preferidas.

Diz um amigo, companheiro de pelada, que Chico rejeita a jogada mais simples. Aprecia a firula, a graça, o rebuscamento, o drible de corpo — e já escreveu, em crônica para O GLOBO na Copa do Mundo de 98, que "o drible de corpo é

UM FOMINHA NO RECREIO

quando o corpo tem presença de espírito".

Não raro, quer fazer com a bola o mais difícil. Certamente é quando se manifesta a alma do artista. O gosto pelo lance de efeito, o toque de letra, o enfeite, bem-sucedido ou não, tudo isso seria o correspondente, no campo, ao gosto de Chico pela música, pela literatura — prosa e poesia — o correspondente ao seu rico domínio das palavras, da sonoridade das palavras e da arte de juntar as palavras.

Que é maior até do que seu domínio de bola, mesmo com o elogio do Tostão.

Valéria, a torcedora, ganha um beijo na mão

• Na segunda vez que fui ao campo do Polytheama, por enquanto a última, cheguei sozinho e não havia gravação alguma de filme ou especial. Eu é que queria gravar na memória alguma coisa sobre o já lendário time, que há 25 anos se apresenta três vezes por semana, às segundas, às quintas e aos sábados, no Centro Recreativo Vinicius de Moraes, homenagem ao poeta — amigo, parceiro e compadre de Chico — que jamais pôs os pés no campo a que emprestou o nome.

Há condomínios ao redor que se cercam de seguranças. Porém, no Centro Recreativo Vinicius de Moraes, não há segurança alguma, não há sequer tranca na porta, que está sempre aberta. Visitas, como eu, são bem recebidas e têm direito a cafezinho de cortesia no bar do Severino, ao lado de um dos três campos de futebol-soçaite. Um pouco além, está o terreno que Chico doou para a construção da Casa de Arte do Terreirão, o projeto a que se dedica no momento.

Terreirão é a favela que fica a poucas centenas de metros do campo do Polytheama. Vários de seus moradores entraram ao longo dos anos pela porta aberta do Centro Recreativo e viraram companheiros de pelada de Chico e seus amigos. São seus amigos também. Circulam pelo terreno como membros do clube.

Eles tratam Chico, e Chico a eles, com o mais puro sentimento de igualdade. É Chico pra cá, Chico pra lá, olá, alô, tapinhas nas costas. Se há lugar em que Chico, o dono do campo, é menos estrela ainda do que o normal é no Polytheama. Só ensaia um ou outro estrelismo quando está com a bola no pé. Perdeu a bola, perde até o status de dono do campo.

Valéria, uma negra bonita e simpática, de sorriso muito branco e pernas grossas, foi do time feminino do Polytheama, quando existia o time

feminino do Polytheama. Hoje que o time está em recesso, ela joga às vezes entre os homens. E joga bem, segundo o depoimento geral. Agora ela está na pequena arquibancada, assistindo à pelada da segunda-feira ao meu lado. E não pára de gritar:

— Solta a bola, Chico.

— Chico, não tem ninguém na defesa.

Vira-se pra mim:

— O time hoje está muito desfalcado.

E volta os olhos para o campo:

— Vamos reagir, o Polytheama não pode perder.

— Bolão, Chico, bolão!

Quando sai de campo substituído, para descansar um pouco e voltar depois, Chico se dirige a nós, na arquibancada e, gentilmente, beija a mão de Valéria, sua fiel torcedora.

No campo, jogam sete de cada lado, contando o goleiro. Para quem gosta de esquemas táticos

Dribles de craque no tabuleiro

Daniela Name

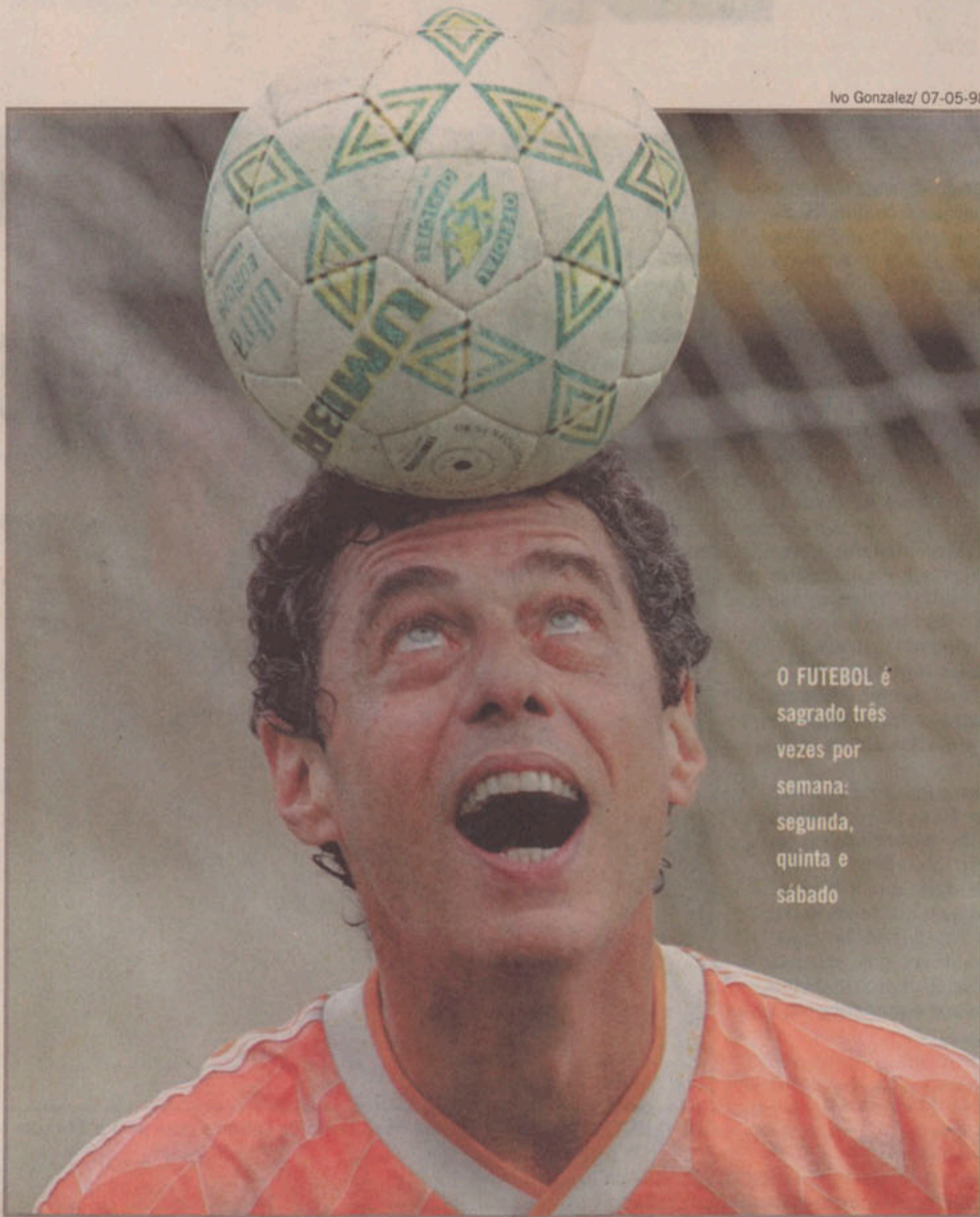
• Durante o exílio na Itália, Chico Buarque procurava ocupação para preencher as longas horas vagas. Ignorado pelos vizinhos, ganhou popularidade no bairro onde morava ao servir de motorista e cicerone para Garrincha quando o jogador esteve em Roma. O futebol também deu uma forcinha contra o tédio quando ele resolveu criar, entre 1969 e 1970, Ludopédio, um jogo de tabuleiro que simulava a montagem de times e as jogadas de uma partida através de cartas. Sátira a um esporte que já começava a ser invadido pelos cartolas, o jogo incluía personagens curiosos, como o do pai-de-santo, essencial para garantir o resultado de algumas partidas no Brasil.

Mais tarde, Ludopédio foi lançado pela Grow com o nome de Escrete e as regras bastante simplificadas. E ainda assim foi considerado complicado e saiu de circulação, frustrando fãs que até hoje fazem campeonatos e discutem partidas nos blogs da internet. Talvez em vão:

"As regras estão aí mesmo para serem desrespeitadas", dizia Chico no texto de apresentação do jogo da Grow.

UM VERSO GENIAL

"Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock' n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta"
("Meu caro amigo", parceria com Francis Hime, de 1976)



Ivo Gonzalez/ 07-05-98

O FUTEBOL é sagrado três vezes por semana: segunda, quinta e sábado

CHI60

BUARQUE



Ele aprecia a firula, a graça, o rebuscamento, o drible de corpo, o lance de efeito. Quer fazer com a bola o mais difícil

(e não é o caso de Chico), o Polytheama joga num 3-1-2. Esse 1 aí é o Chico. É o homem que faz a ligação entre o meio-de-campo e o ataque.

Chico admirava o estilo de Pagão, craque do Santos já falecido que foi seu ídolo desde a infância, desde os tempos em que Chico entrava no Pacaembu no intervalo dos jogos para não pagar ingresso (era a promoção da época em São Paulo). Ele prefere o passe ao chute. Não liga muito para fazer gol nem conta os que já marcou em sua sólida carreira, que, aos 60 anos, em boa forma física, está longe de terminar. Chico se compraz em preparar os gols de Carlinhos Vergueiro, o cantor e compositor, e de Vinicius França, seu amigo, produtor musical, empresário, homem de confiança e artilheiro absoluto do time.

Conta a lenda — e vamos deixar combinado que a lenda conta muita coisa quando se trata de Polytheama — que Vinicius França já teria alcançado a astronômica marca de 7.961 gols, e isso até a tal segunda-feira em que estive no campo.

— Não é nenhum absurdo — sustenta ele. — Se contarmos que a gente joga três vezes por semana, 144 vezes por ano, há 25 anos, são quase quatro mil partidas. Fora os jogos que fazemos em outros campos.

A favor do Vinicius (e da lenda, não se esqueçam), posso testemunhar que os jogos no Polytheama terminam com resultados de 6 a 5, 8 a 6, 10 a 9 e até 14 a 14 como aquele que eu presenciei, depois de várias prorrogações até o time de Chico, que estava perdendo — desfalcado, como informou a Valéria, lembram-se? — conseguir o empate final.

Pelo Centro Recreativo Vinicius de Moraes passou, sem lenda nem exagero, a fina flor do futebol brasileiro, que foi lá para homenagear Chico Buarque e ser homenageada por ele. Na calçada da fama particular do clube estão imprimidos os pés de gente como Pagão, Zizinho, Nilton Santos, Silva, Tostão, Zico, Júnior, Leandro, Reinaldo, Sócrates, Romário, Ronaldinho e outros.

Mané Garrincha, Pelé, Didi e Canhoteiro, outros ídolos de Chico, além de Pagão, aos quais ele dedica a música "O futebol" ("Para estufar esse filó/ Como eu sonhei/ Só/ Se eu fosse o Rei"), nunca passaram pelo Polytheama, mas bem que Chico gostaria que eles tivessem passado e perpetuado seus pés no cimento.

Na linguagem popular do futebol, Chico é o que se chama de fominha. Fominha de bola. É capaz de sair do sério quando os adversários lhe fazem falta — Chico é contra as faltas e os brutos do futebol — e quando os companheiros demoram a lhe passar a bola.

Há quem se queixe de que Chico não costuma participar do terceiro tempo das peladas. Peladeiros em geral curtem o que eles chamam de resenha, que é o bate-papo após o jogo, geralmente em torno de garrafas de cerveja. É quando eles mesmos analisam a partida, discutem os lances capitais, avaliam as atuações, elegem o craque e o perna-de-pau do dia, exatamente como a gente ouve no rádio, vê na televisão e lê no jornal.

O tricolor Chico Buarque, que já foi de frequentar o Maracanã mas hoje acompanha futebol pela televisão, não participa desse ritual. Encerrada a peleja, é o mais rápido a tomar banho e trocar de roupa. Despede-se dos amigos do Polytheama e do Terreirão, deixa o Centro Recreativo Vinicius de Moraes, pega o carro, dispara, desaparece — até a próxima pelada, que não vai tardar. ■

Hipólito Pereira/ 10-06-98



NA TRIBUNA DA IMPRENSA

do Stade de France, durante a Copa do Mundo de 1998, quando foi colunista do GLOBO: "O drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito."

Divulgação



COM O UNIFORME

do Fluminense, no Maracanã, em 1975. Ele já foi de frequentar o estádio para ver o time jogar, mas hoje acompanha as partidas do tricolor só pela televisão

CHI60

BUARQUE



UM VERSO GENIAL

"Ou será que o deus
Que criou nosso desejo é tão cruel
Mostra os vales onde jorra o leite e o mel
E esses vales são de Deus"

("Sobre todas as coisas", parceria com Edu Lobo, de 1982)

Rodolfo Fernandes

Uma das maiores lendas do *showbiz* nacional é a de que Chico Buarque é tímido. Nada mais falso. Todos os amigos são unânimes em rejeitar esta versão para a imagem do artista. Tão falso quanto isso só dizer que Chico é recluso, não sai de casa, não é visto nos lugares. Há variadas teorias no mercado para os motivos que levaram essas duas características a virarem quase sinônimos da personalidade de Chico, mas o próprio compositor já tentou desfazê-las em entrevistas e não conseguiu. O fato é que ninguém acredita. "No Brasil, se você não quer posar para revista de celebridades, te chamam de Greta Garbo", reclamou recentemente, ao saber que estava sendo comparado à atriz sueca que virou mito por viver reclusa.

Decididamente, recluso Chico não é. Talvez nenhum outro artista possa ser visto com tanta frequência e regularidade nas ruas do Rio. Alguém sabe onde estarão hoje Roberto Carlos, Bethânia, Gal ou Milton? Impossível. Mas Chico estará na mesma hora de sempre fazendo a sua caminhada no calçadão. À noite, pode estar em casa lendo, comendo uma pizza na Capriciosa ou jantando num dos muitos restaurantes italianos da cidade. Se for segunda, quinta ou sábado, vai estar jogando a pelada com o time do Polytheama, como faz há 20 anos. Mais comum, impossível.

Se não é tímido e nem recluso, por que a imagem? A única explicação talvez seja a ferrenha luta que trava para manter a privacidade. Numa época de explosão de celebridades e revistas com a intimidade de artistas, Chico optou por não fazer nenhuma concessão. É a única personalidade que a "Caras" nunca conseguiu fotografar, a única casa que não se abriu para as lentes da revista. Quanto a isso, é irredutível. No mais, vai a ensaio de escola de samba, à casa de amigos, estréias musicais, vê os principais filmes em cartaz, lê muito (tem uma invejável coleção de dicionários), almoça aos domingos com a família, passeia com netos no shopping...

Do aeroporto direto para pelada matutina em clube do Leblon

• O mito da timidez talvez decorra mesmo da pouca exposição pública. Mas Chico é o oposto disso. Irônico, levemente debochado, brincalhão, exímio contador de histórias (daqueles que vão no detalhe mais picante), ele é, em determinadas situações, quase exibido. O documentário sobre seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, recentemente lançado, mostra a forte influência paterna num detalhe curioso da personalidade de ambos: o maior historiador brasileiro adorava uma fofoca. E o maior compositor brasileiro, também. Quer chamar a atenção de Chico? É só contar um detalhe prosaico de uma grande história que ele reage com interesse semelhante ao do pai. Não raro, emenda com mais e mais detalhes, que deixam o interlocutor curioso sobre as suas variadas fontes de informação.

Chico é um consumidor atento dos jornais, que lê logo ao acordar — o que não significa que seja cedo, pois tem dificuldade para dormir e só vai para a cama bem tarde. Na Copa da França, em 1998, quando escrevia uma coluna para O GLOBO, remarcou pessoalmente para de noite todas as viagens diurnas de trem e avião. Certa vez, apareceu de manhã numa pelada dominical no Clube Federal, no Leblon, mas a surpreendente presença matutina tinha uma explicação: Chico acabara de desembarcar de Paris e foi direto do aeroporto jogar bola. Em outra ocasião, para prestigiar um amigo do Polytheama, dirigiu três horas até a cidade de Carmo, na divisa do Rio com Minas, só para jogar uma pelada no campo local. Jogou, comeu rapidamente e dirigiu mais três horas de volta. Detalhe: era dia de seu aniversário.

Como bom leitor de jornal, sabe minúcias das páginas mais escondidas do noticiário. Na TV, conhece de cor o nome de todos os apresentadores da GloboNews na madrugada. Acompanha o noticiário político atentamente. Continua apoiando sinceramente o presidente Lula, mas seus tempos de participação política direta ele já disse que acabaram. Isso não o impediu, por exemplo, de assinar um manifesto em defesa do ministro José Dirceu, quando ele estava no auge do fogo cruzado no começo do ano. Mas não foi ao jantar de desagravo organizado para o ministro. E só mesmo o governador Aécio Neves (MG) para imaginar Chico na sua badalação particular no dia do jogo Brasil x Argentina em Belo Horizonte. Aécio queria que Chico cantasse o Hino Nacional antes do jogo, no meio do Mineirão.

No encontro com Miguel Arraes na campanha, só Marieta falou

• Aliás, uma confusão com o Hino Nacional mostra um outro lado da personalidade de Chico: ele é capaz de ficar irritado durante anos quando é alvo de uma notícia errada ou maldosa. Até hoje reclama de um jornal que escreveu, na final da Copa da França, em 1998, que, na hora da execução do Hino Nacional brasileiro, não se levantou para cantar. Chico estava na bancada de imprensa do Stade de France, junto com a equipe do GLOBO, e decididamente esta situação não ocorreu.

Recentemente, achou que deveria ter aceitado o convite do programa "Linha Direta" que tratou do caso Zuzu Angel. Alguns depoimentos do programa não coincidiram com os fatos que presenciou na convivência com a estilista. Ficou preocupado com a imprecisão histórica.

Seu apoio a Lula não é isento da constatação de certas falhas. Tem uma opinião curiosa sobre alguns erros de comunicação cometidos pelo governo: acha que Lula deveria criar um novo ministério. O nome do novo cargo? "Ministério do Vai Dar Merda". Funcionaria assim, segundo Chico:

— A cada decisão importante, esse ministro seria chamado. Se o governo decide recadastrar os idosos, o Lula convoca o ministro e pergunta: "Vai dar merda?" O ministro analisa o caso, vê que os velhinhos vão ser humilhados nas filas, e responde: "Vai dar merda". No caso da briga com o "New York Times", era só chamar esse ministro e perguntar: "Vamos expulsar o jornalista. Vai dar merda?" O cara ia analisar e responder: "Vai dar merda"...

Se, decididamente, não é tímido, seu estilo mesmo assim provoca reações diversas nos interlocutores. Apesar da amizade de muitos anos, o compositor Caetano Veloso fica nervoso toda vez que encontra Chico — e desanda a falar. Chico, em situa-



CHICO INTERROMPE a caminhada no calçadão do Leblon e posa para a foto com a turista que o reconheceu: nada de Greta Garbo

UM RETRATO DO ARTISTA

Gozador, brincalhão, contador de histórias, o temperamento de Chico é o oposto da imagem de artista tímido e recluso associada a ele

ções semelhantes, ao contrário, é capaz de não fazer esforço algum para abrir a boca. Se encontrar pela frente alguém tão calado quanto, é silêncio na certa. Foi o que aconteceu em 1986 quando foi a Recife dar seu apoio à candidatura de Miguel Arraes ao governo de Pernambuco. Junto com a então mulher, Marieta Severo, Chico e Arraes marcaram um encontro antes do comício. Foi uma conversa histórica: só Marieta falou, já que Arraes e Chico ficaram mudos...

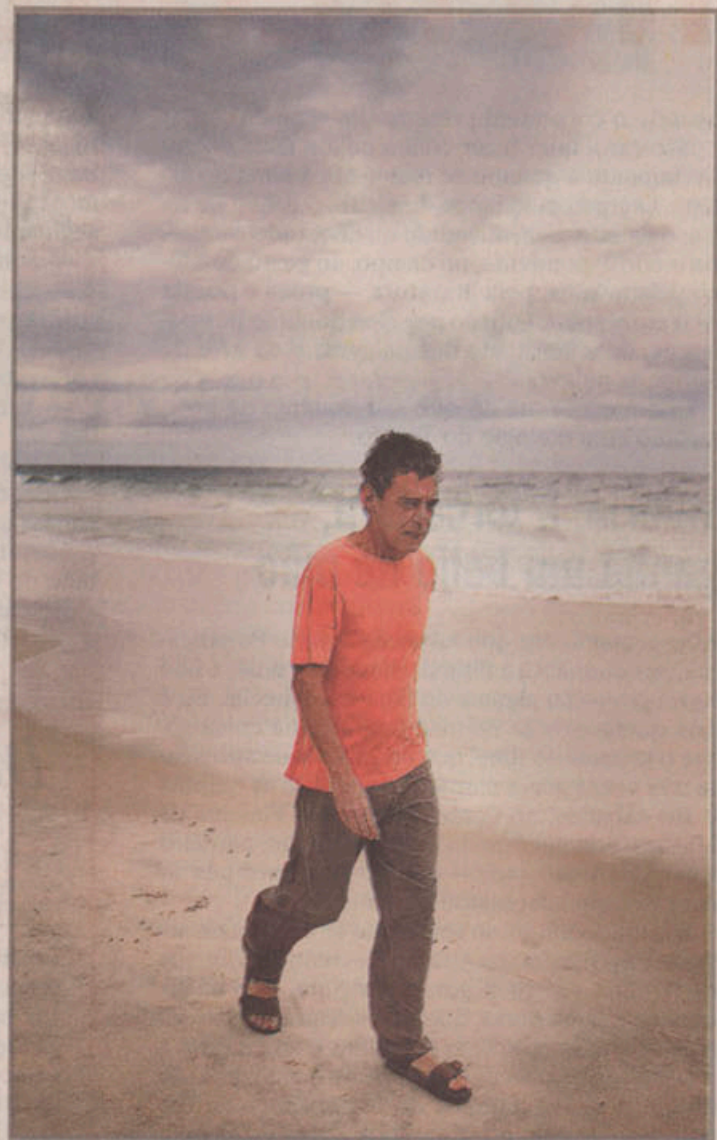
Caetano é, aliás, um dos personagens preferidos das histórias de Chico — sempre tratado com carinho, o que desmente inteiramente versões sobre supostas rivalidades entre os dois. Uma das melhores é a do dia em que uma de suas filhas, numa carona em Salvador, ouviu o seguinte diálogo (de pessoas que naturalmente não sabiam quem ela era): "O Chico Buarque é gay", disse uma dos presentes no carro. "Mas como, ele tem filhos?", reagiu outro. E o primeiro completou: "Ué, mas o Caetano também tem". Certa vez, jovens em São Paulo, Chico convenceu Caetano a subir numa árvore para cantar para uma namorada... do próprio Chico. A namorada: Eleonora Mendes Caldeira. A música? Nada menos do que "Morena dos olhos d'água". E há também a história do dia em que, andando no calçadão na praia, uns garotos apontaram para Chico e falaram: "Olha lá o Chico e Caetano". Era época do programa dos dois na TV Globo e os meninos achavam que eles eram uma só pessoa.

O lado moleque de Chico fica mais evidente ainda quando está em campo defendendo o Polytheama. Há quem diga que, no gramado, entre os amigos, é que ele realmente sente-se à vontade — e é capaz das maiores gozações. A começar pelo apelido que deu para o time adversário, invariavelmente batido pelo invicto Polytheama: Os Miseráveis — tudo porque o principal jogador do time chama-se Vitor Hugo, homônimo do escritor francês. Seus bordões nas peladas já são famosos. Se algum jogador chuta uma bola errada, Chico provoca: "Na terça-feira vai ter treinamento de chutes, às dez da manhã." A fórmula varia: pode ser aula de cabeçada, passe, etc. Se uma bola é lançada em profundidade e não é alcançada pelo jogador, claramente por erro de quem deu o passe, Chico grita: "Corre, pô. Joga sério."

Provocar os adversários que jogam nos Miseráveis é uma das grandes diversões de Chico. Quando o Polytheama está ganhando de goleada, o que não é raro, Chico fala alto para os companheiros, de forma que os rivais possam ouvir: "Vamos fechar a defesa, pois 10 a 0 aqui nesse campo não é nada." No mesmo tom, sempre falando alto para o seu time mas dirigindo-se na verdade aos adversários, ele gosta de brincar: "Olha, gente, o time deles parece ruim mas não é, não". Ou ainda, tentando criar intriga no escrete adversário: "Vamos tomar cuidado, o time deles tem um cara que é inteligente e um outro que sabe chutar".

Quando não está recebendo bola de seus próprios companheiros, Chico tem um ritual: sai de campo, tira a camisa, dá meia-volta, coloca de novo e volta ao gramado. "Olha, estou em campo e minha camisa é da mesma cor que a sua".

Brincadeiras à parte, Chico joga calado, não reclama de ninguém. Mas pode ficar transtornado se houver algum lance violento. Se for um carrinho por trás, então, a imagem comumente associada a ele muda totalmente: o Chico Buarque tímido e calado, decididamente, dá lugar a outro, que reage com veemência à violência. Como acontece em qualquer pelada país afora. Porque, a rigor, Chico é apenas, como diz a sua música, um artista brasileiro, que vai na estrada há muitos anos. ■



IRREVERENTE:

Certa vez, em SP, Chico convenceu Caetano a subir numa árvore para cantar para uma namorada sua

Fotos de Leonardo Aversa

UM VERSO GENIAL

"Hoje eu tenho apenas uma pedra no meu peito
Exijo respeito não sou mais um sonhador
Chego a mudar de calçada quando aparece uma flor
E dou risada do grande amor"

(*"Samba do grande amor"*, de 1983)



CHI60

BUARQUE

• Em cerca de quatro décadas de carreira e exposição pública, Chico Buarque não tem jogado conversa fora. Se não chega a integrar o time dos escritores J.D. Salinger e Dalton Trevisan e do cantor João Gilberto, notórios alérgicos a entrevistas, dosa com cuidado suas aparições na imprensa, como contou, em junho de 2000, à finada revista "Bundas": "Tenho que dar entrevistas porque sou escalado pra isso, quando tem lançamento de um disco, de uma peça de teatro, principalmente quando envolve outras pessoas. Aí você não pode ficar se fazendo de 'doce'. Agora, tem épocas em que eu não tenho nada pra falar." Quando quer, e tem o que falar, Chico Buarque se expressa com clareza, sem rodeios, como a coletânea abaixo, com trechos de entrevistas feitas entre 1966 e este ano, confirma.

• **GOVERNO LULA:** "É evidente que não estou satisfeito, que ainda falta muita coisa. Nem o próprio Lula está satisfeito. Mas acho que ele ainda tem tempo de realizar pelo menos parte do que prometeu." (*"Folha de S. Paulo"*, março de 2004)

• **EDU LOBO:** "Nos anos 60, quando nos conhecemos, eu não costumava fazer parceria com ninguém. Fiz umas coisas com o Tom, como 'Retrato em branco e preto' e 'Sabíá', mas muito pouco. Fui aprendendo aos poucos, e só nos anos 70, quando comecei a compor para valer com o Francis (*Hime*), é que comecei a pegar o jeito. Quando encontrei o Edu em 'O Grande Circo Místico', eu já estava dominando mais essa história." (*O GLOBO*, agosto de 2000)

• **SEGUNDO MANDATO DE FH:** "Tentei acreditar no primeiro governo, do fundo do meu coração. No segundo, eu já não acreditava. Já discordei da reeleição. Há muito tempo que me sinto sozinho em relação a esse governo." (*Folha de S. Paulo*, agosto de 2000)

• **BOSSA NOVA:** "Quando apareceu 'Chega de saudade', foi um choque tremendo, me lembro perfeitamente. Ficava horas, a tarde inteira ouvindo aquilo, ouvindo, ouvindo... Conhecia o violão de João Gilberto desde o disco da Elizeth Cardoso 'Canção do amor demais', um disco que frequentou muito a Telefunken dos meus pais." (*"Songbook Chico Buarque"*, dezembro de 1999)

• **TOM JOBIM:** "Quem me levou na casa dele foi Aloysio de Oliveira, dono da gravadora Elenco. (...) A partir de 1967, a gente ficou parceiro. A primeira letra que fiz para ele foi para uma música já gravada, chamada 'Zingaro'. Com a letra, ganhou o nome de 'Retrato em branco e preto'. Vinicius estimulou muito a parceria. Mas eu achava que era um risco muito grande fazer letra para Tom, até porque a minha única experiência de letrista para música pronta tinha sido para 'Lua cheia', de Toquinho. Compor com Tom foi uma coisa que me deu trabalho mas muito orgulho também. Era a glória." (*"Songbook Chico Buarque"*, dezembro de 1999)

• **VINICIUS DE MORAES:** "Eu não via o Vinicius. Eu queria ser o Vinicius, que conhecia desde criança, porque ele era amigo do meu pai. Queria ser o Vinicius, com mulheres bonitas, tomando aquele uísque, tocando violão, fazendo poesia. Não queria mais nada." (*"Songbook Chico Buarque"*, dezembro de 1999)

• **FÉRIAS:** "Quando estou escrevendo, me divirto à beça, quando estou compondo também, quando estou criando, encontro o prazer que não encontro nas férias. As férias, pra mim, são um grande aborrecimento, fico aflito, ou porque acabei de concluir um trabalho, ou porque estou procurando o que fazer em seguida — é um intervalo inócuo." (*"Caros Amigos"*, dezembro de 1998)

• **MÚSICA & LITERATURA:** "Acho que ficou ainda mais clara para mim a fronteira entre essas duas coisas. Quando eu digo que vou fazer um experimento literário em música, é em música popular e com linguagem de música popular. As palavras que vou escolher surgem em função da música, aqueles nomes de cidades estão ali por causa da música. Se eu fosse escrever um livro, não seria aquele texto. A escolha das palavras seguiu um critério musical." (*O GLOBO*, novembro de 1998)

• **PREGUIÇA & PACIÊNCIA:** "Não tenho preguiça. Se eu ficar com fama de preguiçoso, não vou me incomodar, mas não é isso. Não tenho preguiça de trabalhar. Na verdade, gosto muito de compor, de lançar disco, tudo isso. Não faço mais porque não consigo mesmo, porque hoje me custa muito mais tempo. Cada vez me custa mais tempo escrever uma canção. Isso não é preguiça. Talvez seja mais paciência do que preguiça." (*"Época"*, novembro de 1998)

• **FUTEBOL:** "Não entendo de futebol. Vou a essa Copa, que é a primeira a que pretendo assistir do começo até o fim, mas a minha idéia de escrever é um pouco de escrever sobre futebol também para quem não entende de futebol que nem eu. A Copa é um acontecimento que interessa até a quem não se interessa por futebol (...) Geralmente a gente gosta das coisas que não entende exatamente. Não entendo nada de música e gosto de música e trabalho com isso." (*O GLOBO*, maio de 1998)

Fernando Quevedo/8-9-92



TOM JOBIM

Arquivo



JOÃO GILBERTO



VINICIUS DE MORAES

QUANDO ELE TAMBÉM FALA

Divulgação



LUIS BUÑUEL

Divulgação



THE BEATLES

Arquivo



NOEL ROSA

Marcelo Carnaval/23-2-98



CHICO DESFILA na Sapucaí, no ano em que foi homenageado: "Sou Mangueira como sou Fluminense"

• **OFENSIVO:** "Eu só gosto de futebol ofensivo, só gosto de ataque. Aliás, não entendo nada de jogador de defesa." (*O GLOBO*, maio de 1998)

• **MANGUEIRA:** "Sou Mangueira como sou Fluminense. Sinto uma vibração pela Mangueira que vem desde criança e chegou através das músicas que falam sobre a escola, aquelas pessoas, aquele lugar. É uma coisa mitológica para mim. Mas eu não conheço a fundo escola de samba, não tenho intimidade com samba-enredo. 'Vai passar' é um samba-enredo estilizado." (*"Jornal do Brasil"*, novembro de 1997)

• **CINEMA:** "Gosto muito de Fellini e de Buñuel. Me sinto mais em casa com Buñuel, mas não é um juízo de valor. É apenas uma questão de afinidade." (*"Folha de S. Paulo"*, junho de 1994)

• **BEATLES:** "Conversei isso outro dia com o Djavan, que é pouco anos mais novo que eu (...). Os Beatles pra ele representaram o que a bossa nova foi pra mim. Existe uma idade, 15, 16 anos, quando você está aberto pras novidades musicais. Quando apareceram os Beatles, eu já estava fazendo minha música. É claro que eu gosto dos Beatles, mas não teve o mesmo impacto que teve pra mim a bossa-nova." (*Rádio Eldorado*, setembro de 1989)

• **DROGAS:** "Já experimentei, sim. Maconha, cocaína, mesalina, ácido e haxixe (...) Eu não sou um drogueiro. Sou contra as drogas, eu as conheço e te digo que não vale a pena. Pelo menos no meu caso não vale a pena mesmo, até porque, se bobear, eu sou uma pessoa que, por temperamento, é capaz até de ir longe em qualquer viagem dessas, até pelo desafio, pelo gosto da aventura." (*Revista "Afinal"*, 1987)

• **UNANIMIDADE:** "Como dizia Nelson Rodrigues, 'toda a unanimidade é burra'. Eu suspeito muito da unanimidade, pois ela só serve para as pessoas jogarem pedra. Principalmente em quem está em evidência, sempre convidado a dar declarações sobre tudo, polêmicas, que nem sempre agradam." (*O GLOBO*, fevereiro de 1985)

• **FESTIVAIS:** "Eram uma consequência do ambiente que existia. O que houve com os festivais foi que as pessoas tiveram a inteligência de pegar o que estava acontecendo nos bares, nos teatrinhos, coisas assim, e levar tudo isso para o grande público. E como tudo aquilo estava no ar, o público também se interessou por aquilo. (...) Isso acontecia especialmente em São Paulo, em 66, 67. E a televisão então pegou, captou isso. Só. Tanto que depois ficou uma coisa artificial." (*Revista "Música"*, maio de 1977)

• **MODA:** "Eu quase não faço compra nenhuma e ando meio mal vestido. Acho mesmo que reajo em sentido contrário às imposições da sociedade de consumo. Talvez por me sentir ameaçado, eu sou um cara fora de moda, tenho um certo fascínio pelas coisas fora de moda, não estou falando em nostalgia, é claro, que é moda. Não uso muito as gírias do momento, gosto de contrabaixo de pau, de piano de pau, toco violão de pau e sou um compositor de pau." (*Revista "355"*, 1976)

• **HERÓI:** "Tem gente pensando que tenho vocação de herói, ou pretenda me transformar em bandeira ou num líder das oposições do Brasil. Não é isso, não sou político. Sou um artista. Quando grito e reclamo, é porque estou sentido que se estão pondo coisas que impedem o trabalho de criação, do qual eu dependo e dependem todos os artistas. Mas, se defender a liberdade de criação é hoje um ato político, também não tenho por que fugir dele." (*Revista "Realidade"*, 1972)

• **SUBVERSIVO:** "Não sou subversivo, não, porque inclusive não pretendo dizer nada por baixo... Se alguém me faz subversivo, é a própria Censura. Porque eu quero dizer as coisas claramente. Não quero dizer sub não. Inclusive eu acho chato que às vezes tenha que procurar uma imagem, uma metáfora, pra dizer um negócio. Eu gosto de dizer as coisas claras." (*Revista "Bondinho"*, 1971)

• **INFÂNCIA:** "Eu não vivia entre intelectuais, eu não vivia fechado. Minha infância foi toda mais aberta, com 5 anos era moleque de rua, jogava pelada. Atrás de casa tinha um circo, lá pro circo, era um moleque, como outro qualquer, não vivia fechado em nada. Meus pais nunca me fecharam em casa. Desde moleque eu tinha uma vida que era povo, afinal." (*Museu da Imagem e do Som*, novembro de 1966)

• **NOEL ROSA:** "Eu não vejo uma ligação com o Noel como fazem. Até me constringe um pouco. Eu gosto muito do Noel, mas não é um negócio absoluto. 'O segundo Noel'... essas coisas... Eu não me identifico com ele a esse ponto. Com a Bossa Nova, depois que apareceu o Vinicius (na parte de letra, na parte de música acho que não tem que ver) apareceu uma porção de outros letristas seguindo a linha ou procurando seguir a linha do Vinicius. Depois veio a fase rural, e meu samba é urbano, porque eu nunca morei em fazenda e não gosto da vida do campo. Meu samba é urbano e é objetivo. Isso é mais ou menos o que o Noel fazia, mas não é só o Noel que fazia isso." (*Museu da Imagem e do Som*, novembro de 1966)

CHICO BUARQUE



CANTANDO "CAROLINA" no II Festival Internacional da Canção. A música ficou em terceiro lugar, perdendo para "Margarida" e "Travessia"

Athayde dos Santos/B6



ROBERTO CARLOS recebe Chico em seu especial de fim de ano

E-mail para esta coluna: kogut@oglobo.com.br

CONTROLE REMOTO



PATRÍCIA KOGUT

Reprodução

LANÇADO PELA TV

NO TEATRO FÊNIX, onde era gravado "Chico e Caetano", programa mensal

• A novíssima geração, acostumada a conhecer artistas pela televisão, cantou com Chico Buarque em 2002 a música de abertura de "Desejos de mulher", "Façamos", um duo com Elza Soares. Chico, porém, está na TV não é de hoje. Apesar de sua relação histórica conturbada com ela (ele rompeu com a Globo em 75 por motivos políticos e só voltou a se apresentar na emissora em 86, levado por Daniel Filho), foi na Excelsior que se lançou, em 1965, com "Sonho de um carnaval". Sua composição, defendida por Geraldo Vandré, levou um modesto 6º lugar, mas o tornou conhecido do grande público. Naquele época, pouca gente começava na televisão, como acontece hoje. Ele foi pioneiro. Dois anos depois, concorreu com "A banda" no Festival de MPB da TV Record. Ganhou e virou sucesso nacional. A Record hoje está digitalizando seu arquivo, num enorme projeto sob o comando de Hélio Vargas, diretor artístico e de programação. A imagem de Chico cantando "A banda" está entre as que já foram restauradas. A idéia é lançar em DVD o quanto antes.

Também foram sucesso na televisão os especiais de fim de ano exibidos pela Bandeirantes em 77 e 78. No primeiro, ele mostrou as canções de "Os Saltimbancos". Em 86, ao lado de Caetano Veloso, Chico voltou à Globo em "Chico e Caetano", especial mensal que teve nove edições de que muita gente se lembra até hoje. No fim, declarou que gostou da experiência, mas não pretendia voltar tão cedo a comandar um programa. Amanhã, ele será homenageado no "Globo esporte". Parreira e Bernardinho, por exemplo, dizem que amam "A banda". E Fagner fala da relação de Chico com o futebol: "Ele é fissurado, fominha e não gosta de perder". Tudo bem, ninguém é perfeito.

NOTA 10 Para Chico Buarque, por todas as suas aparições na TV. Aliás, esta é o tipo de nota dez auto-explicativa.

OS FILMES

O ATAQUE DOS VERMES MALDITOS ("Tremors")

SBT — Canal 11 (14h30m, em cores). Produção americana de 1989. Direção: Ron Underwood. Elenco: Kevin Bacon, Fred Ward, Finn Carter.

• Ficção. Cidade é atacada por vermes gigantes e carnívoros, monstros subterrâneos que sentem as vibrações de qualquer som e se agitam para sua caça. Reprise.

UMA LOURA EM APUROS ("Chasers")

Rede Globo — Canal 4 (15h35m, em cores). Produção americana de 1994. Direção: Dennis Hopper. Elenco: Tom Berenger, Erika Eleniak, William McNamara.

• Comédia. Oficial da Marinha é destacado para transportar prisioneiro. Os problemas começam quando conhece seu parceiro, um garotão que só pensa em dinheiro, e descobre que o prisioneiro é uma bela loura. Reprise.

SPOT, UM CÃO DA PESADA ("See Spot run")

SBT — Canal 11 (22h30m, em cores). Produção americana de 2001. Direção: John Whitesell. Elenco: David Arquette, Michael Clarke Duncan, Leslie Bibb.

• Aventura. Cão treinado pelo FBI entra para o programa de proteção a testemunhas. Ao cruzar com um carteiro que detesta cachorros, acontece a maior confusão. Inédito.

SONÂMBULOS ("Sleepwalker")

Rede Bandeirantes — Canal 7 (1h30m, em cores). Produção americana de 1992. Direção: Mick Garris. Elenco: Brian Krause, Alice Krige, Cindy Pickett.

• Ficção. Criaturas nômades mutantes aterrorizam uma pequena cidade do interior dos Estados Unidos. Eles se alimentam somente de carne de garotas virgens. Reprise.

O DETONADOR EM ALTA VOLTAGEM ("Live wire")

Rede Globo — Canal 4 (4h35m, em cores). Produção americana de 1992. Direção: Christian Duguay. Elenco: Pierce Brosnan, Ron Silver, Ben Cross.

• Aventura. Especialista em explosivos é convocado para dar fim a uma série de atentados terroristas contra senadores. O próximo alvo pode ser Frank Travers. Reprise.

TV POR ASSINATURA

LILIAN FERNANDES

Divulgação

TNT

19:30 "Shakespeare apaixonado"

— Na comédia romântica oscarizada, Shakespeare (Joseph Fiennes) sofre um bloqueio que o impede de escrever. Mas, quando se apaixona por Lady Viola (Gwyneth Paltrow), passa a usar suas tentativas de conquista-la como fonte de inspiração.

MTV

20:30 "2004 MTV Movie Awards"

— Os melhores do cinema americano segundo a MTV local foram escolhidos no dia 5 de junho. Os brasileiros assistem hoje à premiação, que teve beijo de Paris Hilton e Snoop Dogg, escolheu de Christina Aguilera e show de Eminem, Beastie Boys e Yeah Yeah Yeahs.

RETRO

21:00 "Make & remake"

— O filme "Crown, o magnífico", rodado em 1968, e seu remake, "Thomas Crown — A arte do crime", lançado 31 anos depois, estão na sessão de hoje. Na trama, um ladrão milionário é perseguido por uma atriante investigadora.

STV

22:00 "Hip hop — Universo paralelo"

— Na Zona Sul de São Paulo, o documentário acompanha a vida de personagens ligados a este movimento musical, que cresce à margem das grandes gravadoras.

CINEMAX

22:00 "Prisioneiro do paraíso"



PARIS HILTON e Snoop Dogg

documentário italiano de 2003, indicado ao Oscar, trata da história real de Kurt Geron, artista judeu alemão enviado a um campo de concentração e obrigado a fazer um filme glorificando o regime nazista.

TV CULTURA

23:30 "Todo o passado dentro do presente" — Fruto de dois anos de trabalho, a série sobre os movimentos artísticos que sacudiram o Brasil nos últimos 50 anos estréia hoje. Serão sete capítulos, um por semana.

GNT

23:30 "Pela night" — Em foco, o que há de mais exótico — e erótico — na noite de Nova Orleans.

lilian@oglobo.com.br

HOJE NA TV

CANAL 4 REDE GLOBO	CANAL 2 REDE BRASIL	CANAL 6 REDE TV!	CANAL 7 BANDEIRANTES	CANAL 9 CNT	CANAL 11 SBT	CANAL 13 REDE RECORD/RIO
05:25 Telecurso 2000 — Curso profissionalizante	06:55 Hino Nacional Brasileiro	05:00 Comunidade Cristã Paz e Vida	05:00 Igreja da Graça	05:55 Polimport	06:00 Jornal do SBT	05:30 Falando de Fé
06:30 Bom Dia Rio — Segundo Grau	07:00 Justiça Sem Fronteiras	06:00 Cristo Para as Nações	07:00 Multirio	06:55 TV Empregos	06:30 SBT Rural	06:00 Jesus Verdade
06:00 Telecurso 2000 — Primeiro Grau	07:30 Telecurso 2000 — 2º Grau	07:00 Notícias do Brasil	08:00 Programa Uol	07:00 Encontro Com a Vida	07:00 Sessão Desenho	06:15 Palavras de Vida
06:15 Globo Rural	07:45 Telecurso 2000 — Para deficientes auditivos	07:40 Bom Dia Mulher — Apresentado por Ney Gonçalves Dias e Olga Bongiovani	08:30 Olhos D'Água — Novela	08:00 Despertar de Um Mundo Melhor	08:00 A Hora Warner	06:30 Ponto de Fé
06:30 Bom Dia Rio	07:55 Diário da Câmara	11:00 Cocoricó	09:00 Dia a Dia	08:30 Palavra Plena	09:00 Bom Dia & Cia	07:00 Coisas da Vida
07:15 Bom Dia Brasil	08:00 NBR Amanhã	11:45 Esporte Total	11:30 Receita Minuto	09:00 Eu Sou o Senhor Que Te Sara	12:30 Jornal do SBT	07:30 15 Minutos
08:05 Mais Você	09:00 Salto Para o Futuro	12:30 Clip	12:40 Papo Legal	13:00 Festolândia	13:00 Festolândia	07:45 Fala Brasil — jornalístico
09:25 Xuxa no Mundo da Imaginação	10:00 Rá Tim Bum	12:40 Papo Legal	12:50 Essa Terra é Nossa	13:15 Picara Sonhadora	13:15 Picara Sonhadora	08:45 Note e Anote — Apresentação: Claudete Trolano
10:10 Sítio do Picapau Amarelo	11:00 Cocoricó	12:58 Caderno B — Revista da Baixada	12:58 Caderno B — Revista da Baixada	14:00 Marimar	14:00 Marimar	11:00 Balanço Geral — Jornalístico. Apresentação: Luiz Ribeiro e Adriana Rezende
10:40 TV Globinho	11:15 1, 2, 3 e Já	13:05 Fala Zona Oeste	13:05 Fala Zona Oeste	14:30 Cinema Em Casa — Filme: "O ataque dos vermes malditos"	14:30 Cinema Em Casa — Filme: "O ataque dos vermes malditos"	12:00 Ponto de Luz
12:00 RJ-TV — Primeira Edição	12:00 Gema Brasil — Reprise	13:15 Profetizando Vitória	13:15 Profetizando Vitória	15:45 Plástica Natural	15:45 Plástica Natural	13:00 Programa Eliana
12:45 Globo Esporte	12:25 Jornal Visual	13:20 Câmara em Foco	13:20 Câmara em Foco	16:00 Sky	16:00 Sky	15:45 Eurocopa 2004 — Itália x Suécia, ao vivo
13:15 Jornal Hoje	12:30 Notícias do Rio — Apresentação Carla Ramos	13:30 Shop TV	13:30 Shop TV	16:15 Plástica Natural	16:15 Plástica Natural	17:40 Cidade Alerta Rio — Apresentação: Wagner Montes
13:45 Vídeo Show	13:00 Notícias de Brasília	14:00 Cidade e Educação	14:00 Cidade e Educação	16:55 Plástica Natural	16:55 Plástica Natural	19:45 Jornal da Record
14:35 Vale a Pena Ver de Novo — "Terra nostra"	13:30 Castelo Rá-Tim-Bum	15:00 Melhor da Tarde — Com Astrid Fontinelle	15:00 Melhor da Tarde — Com Astrid Fontinelle	17:00 Projeto Vida Nova na TV	17:00 Projeto Vida Nova na TV	20:50 Metamorphoses — Diana procura Carlos no apartamento de Nina e leva os papéis do divórcio. Bel discute com Diana e arranca fios de seu cabelo para o exame. Circe/Lia fica apavorada ao saber que Bel enviou ao laboratório o material para o teste de DNA.
15:35 Sessão da Tarde — Filme: "Uma loira em apuros"	14:00 Ruppert	16:00 Morangos Com Açúcar — Novela	16:00 Morangos Com Açúcar — Novela	17:30 Cristo, o Vencedor	17:30 Cristo, o Vencedor	21:35 Malcom
17:30 Malhação — Gustavo vê Catraca ameaçando Alvinho. Kiko pergunta por Drica. Camila fica com medo de ficar sozinha e de sair à rua. Natasha e Catraca distribuem caricaturas de Alvinho pelo colégio. Pasqualete fica furioso e exige saber quem fez aquilo.	14:30 As Aventuras de Tintim	16:30 Melhor da Tarde — Com Leão Lobo	16:30 Melhor da Tarde — Com Leão Lobo	18:00 Sky	18:00 Sky	22:00 É Show Com Adriane Galisteu
18:00 Cabocla — Neco conquista Emerenciana, que permite que Belinha o namore. Tina passeia com um novo jeito de mulher, chamando a atenção de todos na cidade. Ela diz a Felício que vai conquistar Tomé. Tobias tenta beijar Zuca, mas ela se esquiva.	15:00 Os Camundongos Aventureiros	17:15 Brasil Verdade	17:15 Brasil Verdade	18:30 Coisas da Vida	18:30 Coisas da Vida	23:55 Edição de Notícias — Com Paulo Henrique Amorim
	15:30 Ilha Rá-Tim-Bum	19:10 Jornal do Rio	19:10 Jornal do Rio	20:30 Sala Vip	20:30 Sala Vip	00:30 Fala Que Eu Te Escuto
	16:00 Sem Censura	19:25 Jornal da Band — Com Marcos Hummel e Leticia Levy	19:25 Jornal da Band — Com Marcos Hummel e Leticia Levy	21:25 CNT Jornal	21:25 CNT Jornal	01:15 15 Minutos
	18:00 Pensando em Você	20:15 Esporte Total	20:15 Esporte Total	22:00 Mil e Uma Noites	22:00 Mil e Uma Noites	01:30 A Hora do Empreendedor
	19:00 Gema Brasil	20:45 G4 Brasil Drops	20:45 G4 Brasil Drops	03:30 Polimport	03:30 Polimport	02:30 Vidas Transformadas
	19:30 @titule.com	21:50 Show da Fé	21:50 Show da Fé	05:00 Encerramento	05:00 Encerramento	
	20:00 National Geographic — "O sol"	23:30 Leitura Dinâmica	23:30 Leitura Dinâmica			
	21:00 Canal Saúde — Inédito	24:00 Programa Amaury Jr.	24:00 Programa Amaury Jr.			
	22:00 Edição Nacional — Ao vivo	01:00 Seicho-No-Ie	01:00 Seicho-No-Ie			
	22:30 Conexão Roberto D'Ávila — Tributo a Ray Charles	02:00 TV Serviço	02:00 TV Serviço			
	23:30 Conversa Afimada					
	24:00 Contos da Meia-Noite					
	00:15 Olhar 2004 — Com Lúcia Leme					
	01:15 Hino Nacional Brasileiro					

SEGUNDO CADERNO

CHI60

BUARQUE



UM VERSO GENIAL

"Chorei, chorei, até ficar com dó de mim

E me tranquei no camarim

Tomei o calmante, o excitante

E um bocado de gim"

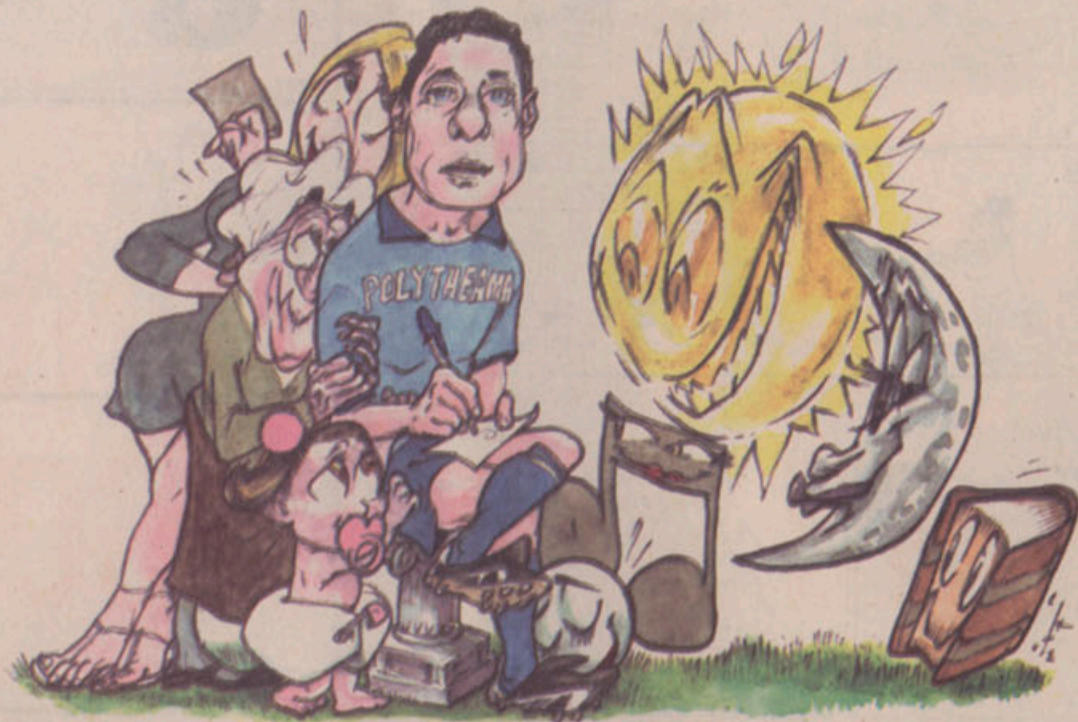
("Bastidores", de 1980)

ARTHUR DAPIEVE

Arte de Cruz

Confissão

Por que invejamos Chico Buarque



Tentel acabar com a carreira de Chico Buarque na tarde de 29 de janeiro de 1994. A carreira futebolística. Numa pelada amistosa entre o Polytheama dele e o nosso Segundo Caderno. Perdemos. Não me lembro de quanto. Nada vexaminoso. Vexaminosa foi minha entrada imprudente sobre o dono da voz, da bola, do time e do campo.

A horas tantas, fui afoito marcar o Chico. Vinte anos mais velho e um ano-luz mais técnico e ágil, ele jogou a bola para o lado e eu, bonde desgovernado, acertei-o em cheio. Deve ter doído. Conforme o anfitrião se levantava, cara de poucos amigos, ouvi Antônio Pitanga apelar à beira do gramado: "Pelamordideus, não faz isso com o nosso Chico!"

Eu fiz. Durante mais de dez anos sublimei a história para que parecesse um mero lance patético de um beque amador fora de forma, ou seja, de um cara perfeitamente apto a ser titular da zaga profissional do Botafogo hoje em dia. Neste caderno em honra ao 60º aniversário de Francisco Buarque de Hollanda, porém, a última ficha caiu: fiz de propósito. No fundo, minha sórdida intenção era ser o Mark Chapman do Chico. O Mark Chapman, não, o Márcio Nunes do Chico. Lembra do jogador do Bangu que quebrou a perna do Zico? É mencionado apenas por isso: uma triste nota de pé de página na biografia do craque.

Agora enxergo tudo. Num átimo, no campo quente do Recreio, qual um *pied noir* armado numa praia da Argélia, devo ter pensado: pe-raí, este sujeito esguio com a bola toda compõe penças de músicas maravilhosas (naquele janeiro pré-Real, com ingressos a Cr\$ 6.000,00, ele fazia no Canecão a temporada do CD "Paratodos", o que inclui "Futuros amantes", que coisa, meu deus, que coisa), escreve o ótimo "Estorvo" (naquele janeiro ir-Real, ele não tinha publicado nem "Benjamin" nem "Budapeste", que reputo o melhor), tem aos seus pés multidões de belas mulheres (entre elas Marieta Severo e as filhas), enfim, empreende uma trajetória brilhante, íntegra e discreta...

E ainda por cima joga bem futebol?! Ah, aí é demais. Pau nele.

Saiba ou não, admita ou não, todo homem brasileiro inveja o Chico Buarque. A inveja,

naturalmente, além de ser uma merda, é uma forma doentia de admiração. Não se deseja só o que o outro tem — berço, gênio, uma bela família, olhos azuis, um drible difícil de marcar, um apê no Marais — mas também o que o outro é. Portanto, saiba ou não, admita ou não, todo homem brasileiro gostaria de ser o Chico Buarque. Ao mesmo tempo, e aqui afinal chego ao meu ponto, o Chico já é todo homem brasileiro.

Quando diz "o meu pai era paulista/ Meu avô, pernambucano/ O meu bisavô, mineiro/ Meu tataravô, baiano/ Vou na estrada há mui-

tos anos/ Sou um artista brasileiro" (em "Paratodos", a canção), ele não está fazendo um exercício de retórica nacionalista. Na verdade, dizer que Chico é todo homem brasileiro é, além de machismo, miopia estética, porque já está suficientemente demonstrada sua capacidade de também ser, como nenhum de seus pares, toda mulher brasileira, cedendo-lhe entranhas e voz, como em "Teresinha" ou "Folhetim", para ficar em duas músicas incluídas na "Ópera do Malandro".

Em seus 60 anos de vida e 40 anos de carreira, Chico foi o *ghost writer* de tantas de nos-

sas declarações de amor ("Não se afobe, não/ Que nada é pra já/ Amores serão sempre amáveis/ Futuros amantes, quiçá/ Se amarão sem saber/ Com o amor que eu um dia/ Deixei pra você", em "Futuros amantes", que coisa, meu deus, que coisa), de tantos de nossos protestos contra a ditadura ("Você vai se amargar/ Vendo o dia raiar/ Sem lhe pedir licença/ E eu vou morrer de rir/ Que esse dia há de vir/ Antes do que você pensa", em "Budapeste"), de tantos de nossos bilhetes de despedida ("Eu bato o portão sem fazer alarde/ Eu levo a carteira de identidade/ Uma saideira, muita saudade/ E a leve impressão de que já vou tarde", em "Trocando em miúdos", obra prima em parceria com Francis Hime).

De tal forma Chico foi nosso *ghost writer* nas últimas quatro décadas que, quando li "Budapeste", não pude deixar de enxergar o seu rosto no protagonista, José Costa, *ghost writer* tão talentoso que em pouco tempo consegue fantasia-escrever até em húngaro; *ghost writer* tão talentoso que vê a sua mulher, Vanda, ficar caidinha pela prosa do alemão Kaspar Krabbe, para quem ele próprio escreveu o best-seller "O ginógrafo".

Sintam o drama: emprestar, emprestar, não, vender em silêncio as palavras que serão usadas para conquistar o mundo, inclusive sua amada, qual uma versão boa-pinta de "Cyrano de Bergerac". Quantos de nós, homens e mulheres, já não usamos as palavras de Chico para nossos propósitos? Ainda na semana passada, eu citava de passagem "Mulheres de Atenas", dele com Augusto Boal, no meu arazoado sobre a capital grega.

Daf a admiração, daí a ponta (ou o pontapé) de inveja, ou melhor, daquele terno ressentimento que o ser humano guarda de quem lhe fez um grande bem. Chico Buarque só nos fez bem estes anos todos. Escreveu tanta coisa bonita. Viveu a sua vida em paz, longe da intrigalhada ou da ânsia pela celebridade máxima. De certa forma, ele vive as nossas vidas, porque, ao tão gentilmente agraciá-los com os seus poemas, tornou-se parte delas. Dar-lhe os parabéns, então, é também, de fato e de direito, nos congratularmos.

E-mail para esta coluna: dapieve@oglobo.com.br

Show de Fafá de Belém, especial da ESPN e mostra na Biblioteca Nacional lembram data

FATOS E FOTOS DE 60 ANOS DE VIDA

Roberta Oliveira

Como, nestas seis décadas, Chico Buarque não se dedicou apenas à música, não é surpresa que as homenagens se desdobrem em várias manifestações artísticas. No Scala, a cantora Fafá de Belém apresenta, hoje e amanhã, o show "Com açúcar, com afeto". Na ESPN Brasil, será transmitido amanhã, às 13h e às 22h, o especial inédito "O bom e velho Chico", que retrata a paixão do compositor pelo futebol. No mês que vem, na Biblioteca Nacional, Zeca Buarque, sobrinho do compositor, apresentará a trajetória pessoal e profissional do tio na mostra "Chico Buarque — O tempo e o ar-

tista". No Congresso, aí já em setembro, ficará exposta parte da mostra carioca, acompanhada de fotos do deputado Chico Alecar (PT-RJ), amigo do compositor.

As homenagens têm início hoje, véspera do aniversário, com o show de Fafá de Belém. Acompanhada por João Rebouças (piano), Roberto Silva (bateria e percussão) e Renato Loyola (baixo), Fafá interpreta canções de Chico que gravou anteriormente, como "Sob medida", e outras nunca registradas, como "Vai passar", "Tanto mar", "Bastidores" e, claro, "Com açúcar, com afeto". São nove canções, num repertório de 20, que inclui sucessos que marcaram sua carreira, como "Foi assim", "Abandona-

da" e "Coração do agreste", além do Hino Nacional.

— Escolhi as canções que cabiam no meu universo emocional e que me traziam alguma memória — diz Fafá, que optou por "Com açúcar, com afeto", por exemplo, por ter sido "Chico Buarque de Hollanda — Vol. 2" o primeiro disco que ela comprou. — Sou uma cantora cuja trajetória é marcada pela emoção, pelo romantismo e pela alegria e escolhi o repertório dentro deste conceito. É um show de emoção, punhal no peito e sangue no chão.

Programa da ESPN foi gravado na Copa da França

• Amanhã, enquanto Fafá estiver fazendo sua homenagem àquele que é, para ela, seu "poeta preferido", a ESPN estará apresentando o especial "O bom e velho Chico". O programa mistura entrevistas antigas, como a concedida a Helvídio de Mattos nos anos 80, e recentes, como o bate-papo entre Chico e o ex-jogador Tostão, gravado na Copa do Mundo de 1998, em que este tricolor de carteirinha confessa que seu sonho quando criança era se tornar jogador profissional e que, por isso, mesmo quando está na França não dispensa uma pelada.

O futebol também é um dos temas explorados em "Chico Buarque — O tempo e o artista". A idéia de realizar uma mostra partiu de Pedro Correa do Lago, presidente da Fundação Biblioteca Nacional. A realização ficou a cargo de Zeca Buarque. A mostra terá cenas em vídeo, como aquela em que Chico aparece com Donga cantando "Pelo telefone"; fotos, capas de discos, bilhetes, como aquele em que uma professora prevê que seu aluno se tornará um escritor; cartas, como as trocadas com Vinicius de Moraes, e muito mais.

— O que me impressiona é a imaginação dele e o fato de ele ser muito ligado a outras manifestações que não só a música — diz Zeca Buarque, que também quer instalar terminais em que as músicas de Chico poderão ser ouvidas pelo público. — Para ele, o ofício é muito sério e rigoroso, exige disciplina. Ele sabe que o que fala tem eco, mas, ao mesmo tempo, anda na rua, nunca deixou de fazer as coisas, quer se sentir uma pessoa comum.

Parte da mostra estará em Brasília em setembro. Para a data do aniversário, Chico Alecar tinha apresentado um requerimento para a realização de uma sessão solene, mas, como Chico não estará no Brasil, desistiu da idéia. Também já foi aprovado na Comissão de Educação e Cultura requerimento para a realização de uma Semana Chico Buarque, que acontecerá em setembro. Durante a semana, haverá debates com especialistas na obra do compositor. (Colaboraram Isabel Braga e Mauro Ventura) ■



CHICO

BUARQUE

ainda criança numa das fotos que estarão em julho na exposição "Chico Buarque — O tempo e o artista"